

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Setembro - 2020
Ano LXXI - Nº 7
R\$ 6,00



PELAS LENTES DO CINECLUBE

A história e as lições
deixadas pelos clubes dos
aficionados por cinema na PB

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 6,00





R\$30,00

Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.

Locais de Venda:

- Editora A União (3218-6500)
- Rádio Tabajara (83 9105-5864)
- Sebo Cultural (3222-4438)
- Livraria do Luiz (3576-5573)
(99317-6944)

A UNIÃO



Cineclube, lugar bom de papo

A edição deste mês resgata um capítulo importante, mas por vezes pouco lembrado, da história do cinema na Paraíba: a atuação dos cineclubes na formação artística e intelectual de muitos paraibanos. Há quase 70 anos, essas associações contribuem para o entendimento do cinema enquanto arte e, por consequência, no entendimento do mundo que nos cerca.

Sob o prisma de diretores, atores e roteiristas, o comportamento humano é descortinado através de uma linguagem única, sensível e abrangente. Mas, para isso, conversar sobre filmes e decifrar ideias e propostas são necessários, e os cineclubes sempre tiveram um papel fundamental nisso.

Para além de assistir a um título, conversar sobre ele em um ambiente coletivo, de múltiplas cabeças, é um aprendizado sem par e deixa marcas importantes na formação de quem um dia já integrou um clube seletivo, como foram o Charles Chaplin, em João Pessoa, e o Glauber Rocha,

Para além de assistir a um título, conversar sobre ele em um ambiente coletivo, de múltiplas cabeças, é um aprendizado sem par e deixa marcas importantes

em Campina Grande. É o que fica claro através de uma dúzia de depoimentos que estão gravados nas próximas 12 páginas, em uma reportagem de fôlego feita com a atenção e o cuidado que são inerentes ao talento do repórter Alexandre Nunes.

A abrangência do material

está não só em seu aspecto histórico, mas também no alcance territorial da reportagem, uma vez que João Pessoa e Campina Grande estão bem representadas, tanto nos clubes públicos, quanto nos privados, alguns que ainda resistem, mesmo em tempos de pandemia.

A tecnologia provocou mudanças nas conversas em torno de filmes. Hoje, o streaming levou o cinema para dentro de casa e, com ele, milhares de canais que se propõem a fazer o que os cineclubes de antigamente faziam. Talvez sem o mesmo charme. Certamente com uma visão mais mercadológica e menos romantizada do passado, dirão alguns.

Mas, efetivamente, a internet ampliou o círculo de debates. Se para o bem, ou para o mal, espero que o leitor consiga avaliar a partir do nosso pequeno "guia" para entender o cineclube. Boa leitura!

O editor

editor.correiodasartes@gmail.com

índice



ROMANCE

Livro do italiano Domenico Starone, 'Laços' ganha análise apaixonada - e apaixonante - da escritora Ana Adelaide Peixoto.



CAMPINOIGANDRES

O jornalista e escritor Walter Galvão saúda os 70 anos do autor, tradutor e compositor Braulio Tavares com um "exercício de admiração".



ENSAIO

A escritora Elizabeth Marinheiro leva o leitor a um passeio lúdico pela poesia sem fronteiras do gaúcho Mário Quintana.



LIVRO

Na coluna 'Festas Semióticas', Amador Ribeiro Neto dissecou 'Amoras', estreia na literatura infanto-juvenil do rapper Emicida.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA



Cineclube: conversando sobre cinema

A HISTÓRIA DOS CLUBES QUE REUNIAM CINÉFILOS, NA PARAÍBA, QUE NÃO SE CONTENTAVAM APENAS EM ASSISTIR A FILMES, MAS A DISSECÁ-LOS E VENERÁ-LOS

O Cine Municipal, no Centro de João Pessoa, foi palco do Cinema de Arte, sessão promovida pela Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba

Alexandre Nunes

Especial para o *Correio das Artes*

O primeiro cineclube de João Pessoa foi criado em 1953, como resultado de um projeto desenvolvido pela Arquidiocese da Paraíba. O Cineclube João Pessoa tinha como objetivo moralizar o acesso dos fiéis ao cinema. Conforme informa o crítico de cinema João Batista de Brito, o Cineclube João Pessoa foi criado pelo professor José Rafael de Menezes. “O primeiro cineclube da Capital tinha a participação de muitos padres e José Rafael de Menezes, como era muito católico, estava no meio desses padres”, comenta.

O cineclube era de orientação católica e tinha a participação de um grupo de jovens interessados em cinema. Havia uma influência da bula papal de 1936 que direcionava para a exibição e discussão de filmes humanistas. “O primeiro cineclube funcionou na antiga sede da Rádio Tabajara, na Rua Rodrigues de Aquino, e dele participaram Vladimir Carvalho, Wills Leal, Linduarte Noronha, Geraldo Carvalho, Wilton Veloso e João Ramiro Melo, entre outros”, exemplifica.

Depois, em 1954, as reuniões aconteciam na sede

da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba, na Rua das Trincheiras, e em seguida, no ano de 1955, foi para Rua Duque de Caxias, na então sede da União Nacional dos Estudantes. A primeira revista sobre cinema publicada na Paraíba, intitulada “Filmagem”, foi de iniciativa desse cineclube. Municípios como Areia, Campina Grande, Sousa e Cajazeiras também tiveram seus cineclubes já no início da década de 1960, a partir da influência disseminada pelo Cineclube João Pessoa.

Em 1955, uma dissidência de alguns membros do Cineclube João Pessoa resultou na fundação da Associação dos Críticos

› Cinematográficos da Paraíba (ACCP). De acordo com informação repassada pelo jornalista Carlos Aranha, o segundo cineclube fundado em João Pessoa foi o “Linduate Noronha”. Entretanto, há registros de outros cineclubes importantes na Capital, a exemplo do “Aruanda”, “Frederico Fellini”, “Vigilante Cura” e “Charles Chaplin”.

João Batista de Brito ressalta que os cineclubes foram muito importantes para formar um público mais sofisticado e com interesse mais artístico no cinema. “Além dessa contribuição dos cineclubes, tem a atuação importantíssima da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba, responsável pela criação do famoso Cinema de Arte, uma sessão que acontecia toda quinta-feira no Cine Municipal, em João Pessoa”, relata.

Ele lembra que participou de cineclubes como um mero espectador, nunca foi da comissão organizadora de nenhum deles. “Um dos cineclubes que eu frequentei mais foi o da Associação Paraibana de Imprensa (API), por volta da segunda metade dos anos 1960. O pessoal conseguia filmes raros, agora como eu não participava da organização e só ia assistir, eu não sei dizer como eles faziam. Os filmes eram exibidos na própria API”, conta.

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



João Batista de Brito, sobre o primeiro cineclube de João Pessoa: “Foi criado pelo professor José Rafael de Menezes e tinha a participação de muitos padres”



‘As Diabólicas’ acabou sendo o primeiro filme do Chaplin, uma vez que a cópia de ‘Rififi’ não chegou a tempo para a inauguração

CHARLES CHAPLIN: PIONEIRISMO EM JP

O Cineclube Charles Chaplin, fundado no início do segundo semestre de 1962, por alunos do Liceu Paraibano, em João Pessoa, é considerado como um dos mais atuantes e representativos do movimento cineclubista de João Pessoa. Ele teve como seu primeiro presidente, Paulo Melo, então aluno do 2º ano Clássico, no turno da noite, hoje jornalista e crítico de cinema radicado em Brasília (DF).

O nome do cineclube paraibano foi inspirado no “Chaplin Club”, um dos primeiros cineclubes do país, criado no Rio de Janeiro por Paulo Sussekind, em 1928. De acordo com relato de Paulo Melo, o cineclube paraibano teve uma grande aceitação por parte dos estudantes, o que resultou em mais de 500 filiações de associados, que passaram a

pagar mensalidades para cobrir as despesas do clube.

A iniciativa de criação do Cineclube Charles Chaplin contou com a participação e apoio do maestro Pedro Santos (1919-1993), que naquela época era professor de Educação Artística do Liceu Paraibano. Com o objetivo de criar condições para despertar nos estudantes o interesse pelo fenômeno fílmico, o cineclube priorizou a exibição e debate de filmes clássicos fora do circuito comercial e, pouco a pouco, transformou-se em um importante instrumento aglutinador de todo um ambiente cultural em ebulção.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Paulo Melo, o primeiro presidente do Cineclube Charles Chaplin, um dos mais atuantes e representativos do movimento cineclubista de João Pessoa

“O cineclube foi inaugurado com a exibição do filme *As Diabólicas* (*Les Diaboliques*, 1955), de Henri-Georges Clouzot, que substituiu *Riffifi* - exibido posteriormente -, de Jules Dassin, cuja cópia não chegara em tempo. O debate que se seguiu à exibição inaugural foi moderado pelo crítico e historiador Wills Leal”, recorda Paulo Melo.

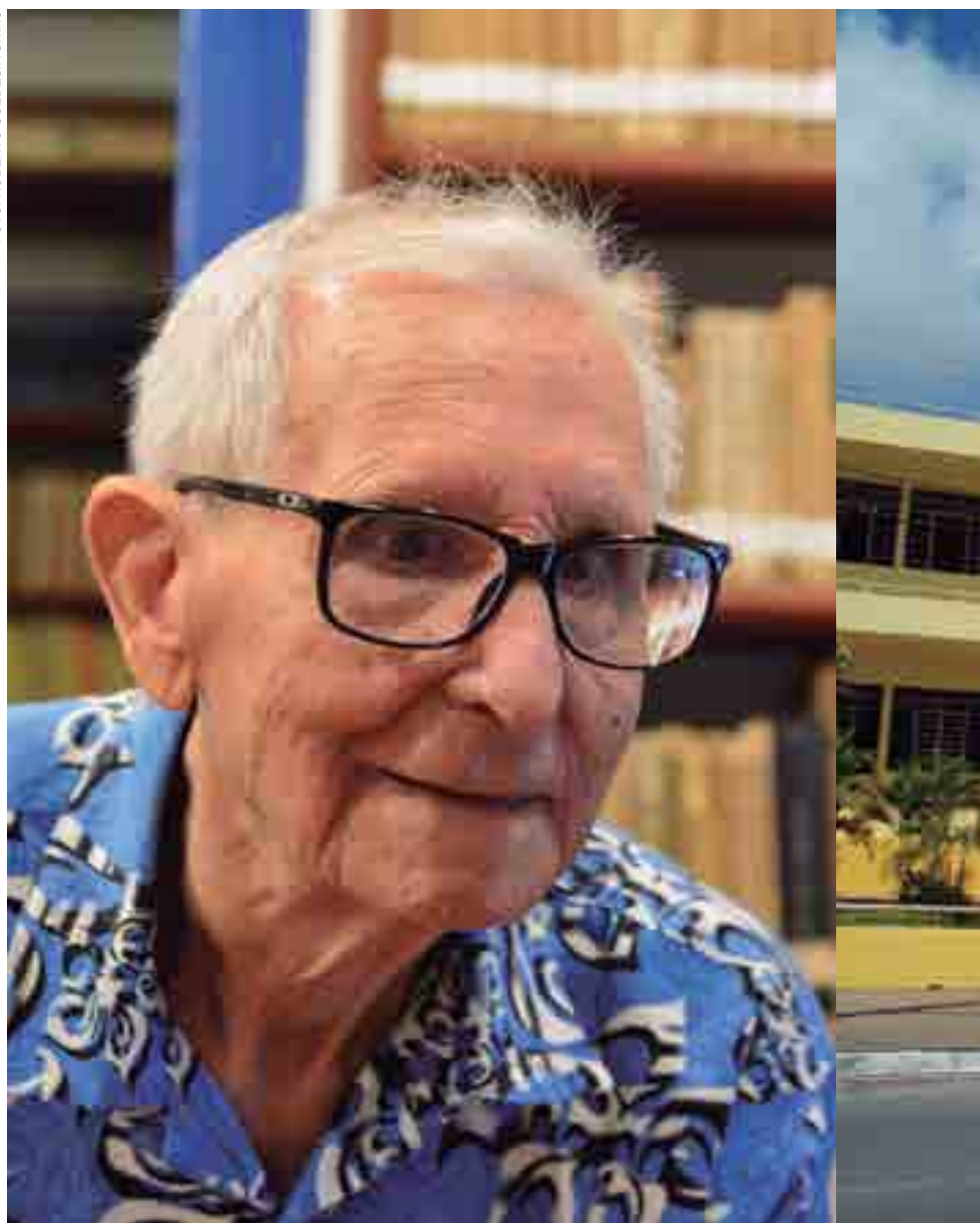
O lançamento do cineclube foi saudado na época pelo crítico de cinema e cineasta Vladimir Carvalho que escreveu, em sua coluna no *Correio da Paraíba*, que os estudantes de curso médio que acabavam de criar seu próprio cineclube, recinto recreativo, alegrados pelos arroubos juvenis, iriam certamente cuidar do cinema como coisa séria, como uma expressão de cultura.

Paulo Melo ressalta que as atividades do Cineclube Charles Chaplin não se limitavam à exibição de filmes, tinha outras tarefas, a exemplo da promoção de um curso intensivo, em 14 aulas, de iniciação ao cinema, ministrado por Wills Leal, de agosto a setembro de 1963, na Escola de Formação de Professores, com o apoio da União Paraibana dos Estudantes Secundários (UPES).

“No jornal mural do Diretório Estudantil do Liceu, semanalmente, era publicada uma coluna editada pelo ‘Charles Chaplin’, com matérias escritas pelos redatores do *Borrão de Cinema*. No segundo semestre de 1963, o cineclube produziu um programa diário de cinema na Rádio Arapuan, intitulado “Encontro com o cinema”, que, de janeiro a abril de 1964, ficou sob a minha responsabilidade pessoal”, relata Paulo Melo.

Ele acrescenta que o “Charles Chaplin” também serviu de estímulo para o surgimento de outros cineclubes em educandários de João Pessoa, como o Cineclube Humberto Mauro, criado e dirigido pelo jornalista Anco Márcio, na antiga Academia de Comércio, futura Faculdade de Economia da UFPB, em junho de 1963. “Na inauguração daquele cineclube, eu proferi uma palestra sobre a “Importância do Cineclubismo””, complementa.

FOTO: ROBERTO GUEDES/UNIÃO



Wills Leal, um cineclubista de primeira hora, ministrava aulas sobre cinema

IMPORTÂNCIA DO CINECLUBISMO

Na opinião de Paulo Melo, mais do que qualquer forma de expressão, o cinema requer uma vivência com conhecimentos, técnicas e linguagens que não são tão necessários para nenhuma outra, tanto para quem faz quanto para quem assiste. O cinema não só necessita, como desperta o interesse pela literatura, teatro, música, história e política, e aguçava a sensibilidade pela plasticidade das coisas, pelos meandros da narrativa dramática ou épica e pelos labirintos da imaginação.

“Pensando dessa maneira, o cineclube, ao promover a exibição e a discussão de filmes que pretensamente iam além do entretenimento, não deixava de

ser um privilegiado laboratório de formação, se não intelectual, pelo menos cultural. É pouco provável você imaginar um cinéfilo inculto ou ignorante. O que não quer dizer que o cinema seja imprescindível para você ser culto e sábio, para não falar que ainda há quem permaneça em dúvida se ele é verdadeiramente uma arte, mesmo que muitos o considerem como a sétima”, comenta.

Sobre o que motivou o interesse por cinema nos jovens de sua geração, Paulo Melo deixa claro que além do entendimento acima manifesto, vários outros



FOTO: ORTILO ANTÔNIO/UNIÃO

Foi do Liceu Paraibano onde saiu um dos mais atuantes cineclubes da capital paraibana

fatores podem ter influenciado o particular interesse de jovens da época pelo cinema. Primeiro, é que ele já havia se consolidado como um espetáculo de massas. “Até por falta de opções, como as que se tem hoje, todo o mundo ia ver filmes, incluindo a matinê de sábado do Cine Plaza e a matinal do domingo do Rex (ou o contrário, já nem me lembro). Tinha uma parte que ia mais para trocar gíbi, paquerar as mocinhas, se divertir e encontrar amigos. Outra parte, porém, mais sensível e mais cuidadosa, em meio a essa sociabilidade, buscava também aprender alguma coisa, se bem que não eram muitos os filmes que davam margem a essa possibilidade”, observa.

E continua: “Agora, se você

associa tudo isso a um florescimento cultural e a uma agitação política porque passava o Brasil (e também o mundo) da época, talvez encontre um caminho para entender o interesse ao qual você se refere. O surgimento da bossa nova, do teatro de Arena, do Cinema Novo, de universidades pelo país inteiro, do governo JK, da criação de Brasília, bem como da *nouvelle vague*, do free cinema, da revolução cubana, do curto reinado Camelot dos Kennedys e da construção do Muro de Berlim, propiciaram um amálgama de situações e fenômenos

“

“Pensando dessa maneira, o cineclube, ao promover a exibição e a discussão de filmes que pretensamente iam além do entretenimento, não deixava de ser um privilegiado laboratório de formação, se não intelectual, pelo menos cultural. É pouco provável você imaginar um cinéfilo inculto ou ignorante.

que fizeram o fim da década de 1950 e o começo da seguinte como únicos no século 20”.

No entender de Paulo Melo, um novo mundo brotava como resultado e efeito da Segunda Grande Guerra. E, na época, o cinema, no universo artístico, parecia ser o grande catalisador dessas convergências. “João Pessoa, em particular o Liceu, a sua vizinha Faculdade de Filosofia, bem como a imprensa, por meio da atuação efetiva e dinâmica da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP), procurava, de uma forma ou de outra, se envolver nesse clima de inquietação e de descobertas. E, como principal referência de toda essa efervescência, o sucesso do filme paraibano *Aruanda* (1960), o clássico documentário de Linduarte Noronha. Com esse quadro, era difícil não procurar saber se existia alguma coisa além do star system hollywoodiano, mesmo que se reconhecesse nele um indissociável estimulante. E o cineclube ajudou a satisfazer essa curiosidade”, finaliza.

“O CINECLUBE É UMA ESCOLA VIVA”

O cineclube é uma escola viva. A afirmação é da atriz Zezita Matos, presidente da Academia Paraibana de Cinema. Ela viveu a efervescência cultural que predominava no Liceu Paraibano, entre o final da década de 1950 e início da década de 1960, tanto em relação ao teatro quanto ao cinema. “A minha experiência realmente com cineclube começou no ‘Charles Chaplin’”, afirma. “Como eu gostava muito de cinema, e lia sempre a revista *Cinelândia*, quando descobri o cineclube no Liceu, pronto, fui correndo participar”.

Zezita Matos reconhece que a importância do cineclube é exatamente criar um público mais crítico e que saiba apreciar as obras cinematográficas, ou seja, um público que não engole, de goela abaixo, os enlatados. “Eu acho que a fundamentação do cineclube, com o debate e os filmes de boa qualidade, estrangeiro ou nacional, é exatamente estimular o olhar dos jovens a uma posição crítica com relação ao que o filme se propõe”, comenta.

A atriz de teatro, televisão e cinema é taxativa ao afirmar que, desde cedo, se identificou com o trabalho desenvolvido nos cineclubes e que, agora, como presidente da Academia Paraibana de Cinema, pretende desenvolver

um trabalho para criação de cineclubes em diversas cidades do interior da Paraíba.

Aliás, o projeto estava em seus preparativos iniciais de implantação, quando foi adiado por causa da pandemia. “Tenho certeza que o cineclube nas cidades interioranas será uma fonte de conhecimento que servirá para resgatar o gosto pelo cinema. E o interessante é que a Paraíba é um dos estados que têm os maiores encontros de cinema”, ressalta.

Zezita considera como interessantes as novas e rápidas formas de acesso a filmes na internet,

“

“Tenho certeza que o cineclube nas cidades interioranas será uma fonte de conhecimento que servirá para resgatar o gosto pelo cinema. E o interessante é que a Paraíba é um dos estados que têm os maiores encontros de cinema”



FOTO: ROBERTO GUEDES/A UNIÃO

Zezita Matos: cineclube cria um público mais crítico

por meio dos *streamings*, com várias formas de alugar, baixar e até assistir gratuitamente. Ela também acredita que o futuro do cineclubismo está chegando e de forma virtual, com as videoconferências e *lives* reunindo pessoas online, em diversos lugares e ao mesmo tempo, para debater cinema. “Recentemente, fizemos uma *live* na Funesc com diversas academias de cinema”, ilustra.

FOTO: DIVULGAÇÃO



RELAÇÃO COM A SÉTIMA ARTE NOS DIAS DE STREAMING

Escritor, compositor, tradutor e cinéfilo, Braulio Tavares, que participou ativamente do movimento cineclubista de Campina Grande, acha normal o fato da garotada de hoje falar sobre cinema através do YouTube, porque considera que esse é o meio mais ao alcance desses jovens, e é o que ele e seus companheiros de cineclube teriam feito se houvesse algo parecido em seu

Pipocando: com mais de 4 milhões de inscritos, canal no Youtube é novo formato para falar sobre cinema

tempo. Braulio afirma que a experiência de sua geração foi mais rica no sentido de que tudo que é construído com as próprias mãos proporciona uma experiência mais rica do que o que é “comprado feito”.

“Às vezes, um de nós pegava o ônibus pela manhã, em Campina, ia para o Recife, alugava um filme nas distribuidoras de lá, voltava com o filme no fim da tarde. Nós exibíamos o filme à noite, e na manhã seguinte alguém pegava o ônibus e ia ao Recife devolver o filme. O investimento físico e emocional era maior, e isso nos obrigava a extrair daquele esforço o máximo de resultado possível”, observa.

O escritor também vê com normalidade a febre do “cinema em casa” a partir dos serviços de streaming. “Acho positivo, porque hoje, com 70 anos, vou muito pouco às salas de cinema. Tenho em casa uma videoteca com algumas centenas de títulos, e sou um espectador habitual de filmes no YouTube, Vimeo, Netflix, DarkFlix, Belas Artes à La Carte e outros serviços de streaming. O modo de acesso mudou. Fico feliz por ter essa opção de ver os filmes em casa, com minha roupa caseira, parando na hora que quero, retomando a sessão no dia e na hora que me convém, e pagando muito pouco. A História não se repete. É preciso sempre aproveitar o lado positivo que cada mudança que o mercado nos oferece”, analisa.

Braulio acredita que existe alternativa para um novo tipo de cineclube a partir das redes sociais, porque elas possibilitam a criação de grupos fechados ou abertos para a discussão de assuntos específicos. “Não temos mais os debates presenciais como no cineclube (auditório cheio, projeção, discussão após o filme), mas é o que digo: precisamos aproveitar os aspectos positivos dos instrumentos atuais. Hoje podemos formar um grupo de cinéfilos para discutir a sério filmes do interesse de todos, e os participantes podem morar em 20 cidades diferentes. Há uma perda por um lado, mas temos que aproveitar os ganhos”, complementa.

“CINEMA É UMA ESPÉCIE DE IGREJA”

Com novas formas de se reunir para assistir e debater cinema, o movimento cineclubista vai se reinventando. Para o comentarista de cinema Andrés Von Dessauer, o cinema é hoje, e foi durante muitos anos, o maior transportador de ideias, de cultura e de costumes para dentro da educação do ser humano. Ele assegura que não existe outro veículo igual ao cinema que tenha essa função de transportar cultura e ideias para dentro do próprio cinema.

“Cinema é uma espécie de igreja, é um culto. Você se prepara para ir, você bota sua mente para funcionar, ou vai sem mente nenhuma para o cinema e deixa as imagens influenciarem sua alma e seu coração. Além disso, você conversa com pessoas. O cinema foi feito para as pessoas conversarem. Cinema é uma forma de socialização que une as classes sociais, porque os sentimentos de ódio ou de amor do pobre são muito parecidos com os do rico. O cinema une classe, faz as pessoas conversarem. Entretanto, hoje em dia, o maior inimigo são as redes sociais, porque cada um está com seu celular, e fica lá ouvindo coisas no aparelho, mas não conversa pessoalmente com ninguém. Já o cinema, não”, esclarece.

Andrés, que reside em três ci-

“

Cinema é uma forma de socialização que une as classes sociais, porque os sentimentos de ódio ou de amor do pobre são muito parecidos com os do rico. O cinema une classe, faz as pessoas conversarem.



FOTO: EVANDRO PEREIRA UNIAO

Andrés Von Dessauer: cinema é o maior transportador de ideias, de cultura e de costumes para dentro da educação do ser humano

dades brasileiras - São Paulo, Rio de Janeiro e João Pessoa - passa 10 dias do mês em cada uma dessas cidades, onde atua como comentarista de cinema. Em João Pessoa, ele iniciou suas atividades no Zarinha Centro de Cultura, que tem uma pequena sala de 12 lugares. Em seguida, com o séquito que o acompanha, foi para o Espaço Cultural, onde fez umas 10 apresentações de filmes, e depois foi para a Estação Ciência, onde existe um cinema. “Só falo de filmes de alta qualidade, por isso sempre dá público em meus projetos”, ressalta.

Atualmente, o comentarista de cinema participa do conselho do Cineclube “O Homem de Areia”, da Fundação Casa de José Américo, onde também comenta filmes. “Toda primeira quarta-feira do mês, antes da pandemia, o cineclube exibia um filme escolhido por mim e os demais conselheiros. Além dessa quarta-feira, eu pedi a Rejane Ventura a sala do cineclube mais um dia, para botar um filme da minha própria escolha. E começou a pipocar gente. No mínimo tinha 40 pessoas, mas a média era de 50 a 60 pessoas. Foi quando a OAB resolveu ocupar mais um dia, também no cineclube da Fundação Casa de José Américo, para a exibição de filmes sobre questões jurídicas, sempre nas primeiras segundas-feiras dos meses pares”, explana.

CINEMA EM CASA

O crítico de cinema João Batista analisa que, atualmente, o cineclubismo se reveste de novas formas, mas com o mesmo sentido de antigamente, que é reunir pessoas para ver um filme e depois debatê-lo. “Eu sou uma vez ou outra convidado para participar de um grupo de pessoas que está vendo filme em casa e me chama para participar e debater. Um exemplo disso é o cineclube de Mirabeau Dias, que funciona sistematicamente nos moldes dos cineclubes antigos, com uma sessão e debate, toda quinta-feira, num cinema com 40 lugares que ele construiu no prédio onde funciona o escritório de sua empresa”, detalha.

O Cineclube Mirabeau funciona numa sala de cinema climatizada, com tela grande, som excelente e com poltronas confortáveis, na Rua Fernando Luiz Henrique, próximo ao Retão de Manaíra. O seu idealizador é o professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba e doutor em física, Mirabeau Dias. “O cineclube está em atividade há mais de 11 anos e já exibiu mais de 500 filmes, só sendo interrompido com a pandemia, porque a gente não pode aglomerar. É um cineclube privado, não é aberto ao público”, justifica Mirabeau.

Segundo informa Mirabeau Dias, os filmes são escolhidos por ele e por João Batista de Brito e são exibidos para, no má-

ximo, 16 pessoas convidadas. “Ninguém paga absolutamente nada, e a gente se deleita todas as quintas-feiras com os filmes, geralmente filmes antigos, escolhidos para quem entende e gosta de cinema. Quem sugeriu que fosse dado o meu nome ao cineclube foi o nosso saudoso amigo, o jornalista, escritor e crítico de cinema Will Leal”, ressalta.

A única exigência que Mirabeau Dias faz aos convidados é que prezem pela pontualidade, já que, como numa sala de cinema tradicional, a exibição do filme começa exatamente na hora marcada, às 19 horas, após o toque da campainha. “Ao terminar a sessão, começa o debate sobre o filme. É essa atividade que alguns amigos nossos que mexem com cinema consideram como sendo cineclube, mas há uma diferença, porque o cineclube sempre se constituía como uma sociedade envolvendo um grupo de pessoas. No nosso caso, trata-se de uma coisa meio que privada. É quase um exercício meio místico, isso porque também a gente não quer pessoas que não apreciem o cinema”, observa.

NA SALA DE CASA, COM OS AMIGOS

Um grupo que ainda continua ativo e se reunindo para assistir e debater cinema é o chamado Cineclube Inominado, uma espécie de cineclube espontâneo, itinerante e inominado, como afirma um de

seus idealizadores, o escritor e crítico de cinema João Batista de Brito. Tudo começou em fevereiro do ano 2000, quando João Batista lecionava em um mestrado na UFPB. Na ocasião, ele conversava com uns amigos na “Praça da Alegria” do CCHLA, quando alguém sugeriu que durante o Carnaval eles se encontrassem para ver filmes juntos.

O jornalista e crítico de cinema Renato Félix lembra que a primeira mostra de cinema do grupo, com três filmes vistos e discutidos em três dias de Carnaval, teve como sede a casa do fotógrafo cinematográfico João Carlos Beltrão, no bairro dos Bancários, em João Pessoa. Ver filmes juntos e analisá-los tornou-se algo regular para esse grupo, que contava ainda com a participação do poeta André Ricardo Aguiar e do jornalista Juneldo Moraes, entre outros.

“Na época, éramos estudantes universitários apaixonados por cinema, por isso ficamos três dias dedicados à primeira mostra cinematográfica do grupo - eram três filmes, um em cada dia, e depois fomos discutir os filmes. A gente fazia um debate que às vezes durava mais que o filme, mas tudo muito leve, nada professoral. A gente apenas se juntava e ficava conversando. A gente fez isso no Carnaval, depois veio a Páscoa, e decidimos fazer de novo e passamos a nos encontrar não periodicamente, mas sempre que dava, aos domingos, ou feriadão”, recorda Renato Félix.

FOTO: REPRODUÇÃO



Mauro Luna, João Batista, Renato Félix, Sheila Raposo e João Carlos Beltrão em reunião do Inominado

FILME É ESCOLHIDO POR UM CONSELHO

O cineclube proporciona uma viagem pelo mundo, que encanta a todos através da arte do cinema. É o que afirma a secretária-executiva da Fundação Casa de José Américo, Rejane Mayer Ventura. Ela se refere ao Cineclube “O Homem de Areia”, inaugurado em 2015 e que é coordenado por meio de uma gestão compartilhada entre o poder público e sociedade civil.

“O cineclube funciona em espaço próprio para a projeção de filmes, instalado na Fundação Casa de José Américo, na praia do Cabo Branco, em João Pessoa, e é um ponto de encontro e de bate-papo das pessoas, que sempre que saem de lá, vão para restaurantes ou lanchonetes, mas o protagonista da noite, nas conversas, é o filme e o debate que girou em torno dele”, comenta.

O nome do cineclube foi escolhido como uma homenagem ao cinema paraibano, ao escritor José Américo de Almeida e ao cineasta paraibano Vladimir Carvalho, que documentou em “O Homem de Areia” os últimos momentos e as memórias de José Américo. As exibições acontecem toda primeira quarta-feira do mês, às 19h30. Ao terminar a exibição, começa o debate com a apresentação de um comentarista, seguida de uma rodada de perguntas dos presentes.

O público que comparece a cada exibição é de, em média, 100 pessoas. “Como o cineclube é presencial, fizemos a última exibição em março deste ano, por causa da pandemia, e estamos em *stand by* esperando, porque a Fundação Casa de José Américo é um órgão do Governo do Estado e por isso existe todo um protocolo para a reabertura das atividades”, explica Rejane.

Ela acrescenta que a programação do Cineclube “O Homem de Areia” é decidida através de um conselho diretor, composto por pessoas comprometidas com a cultura e em oferecer filmes de qualidade para a população. A formação atual do conselho é a seguinte: Ana Adelaide Tava-

FOTO: REPRODUÇÃO



Vladimir Carvalho (de bigode)
filma José Américo para
“O Homem de Areia”: filme
inspirou o cineclube da FCJA

“

“O Homem de Areia” os últimos momentos e as memórias de José Américo.

res, Andrés Von Dessauer, Alex Santos, Damião Ramos Cavalcanti, Elizabeth Maia, Fernando Moura, Francisco de Assis Vilar, Henry Krutzen, Luíz Andrade, Manoel Jaime Xavier Filho, Mirabeau Dias, Moacir Barbosa, Rejane Mayer Ventura e Zezita Matos.

“Os filmes selecionados e exibidos são eleitos pelo conselho. A gente indica e o conselho elege os filmes da edição do ano subsequente. A reunião sempre ocorre em novembro ou dezembro. Cada conselheiro pode indicar uma quantidade de filmes, que será submetida à escolha do colegiado”, detalha.

CINECLUBE PODE SER TEMÁTICO

Proporcionar entretenimento e expansão cultural, bem como provocar reflexões acerca da importância da advocacia para a so-

cidade. É o objetivo do cineclube temático “Cine OAB”, um projeto que teve início no mês de abril de 2016, e que antes das restrições decorrentes da pandemia, seguia sendo exibido nas primeiras segundas-feiras dos meses pares, sempre com entrada gratuita.

O cine OAB é fruto de uma parceria da Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional da Paraíba, através da Comissão de Direito, Arte e Cultura, com a Fundação Casa de José Américo.

O presidente da Comissão de Direito, Arte & Cultura da OAB-PB, Joaquim Campos, explica que o cineclube é temático e que os filmes exibidos tem a ver com assuntos do universo jurídico. “Os comentários pós-filme são divididos em duas partes: aspectos técnicos da película e aspectos jurídicos. Os aspectos técnicos, na grande maioria das vezes, são comentados pelo crítico de cinema Andrés Von Dessauer. E os jurídicos são sempre por membros da comissão, ou por advogados convidados”, detalha.

Joaquim Campos destaca ainda que o público presente é bem variado, incluindo não só advogados, como também cinéfilos das mais diversas profissões e faixas etárias.

EM CAMPINA GRANDE, MOVIMENTO TEVE INÍCIO EM PLENA DITADURA

FOTOS: ARQUIVO JORNAL A UNIÃO

O movimento cineclubista na “Rainha da Borborema” teve início em 1964, em plena ditadura, com a criação do Cineclube de Campina Grande por iniciativa, entre outros, de Luiz Carlos Virgolino e Hamilton Freire. O Cineclube de Campina Grande foi o ponto de partida para a realização de sessões de cinema de arte, em 1966, no Cine Capitólio. Na época, o cineclube era tido como uma entidade onde a arte era discutida pela arte.

Em 1967 aconteceu a criação do Cineclube Glauber Rocha que, entre os seus membros contava com José Nêumanne Pinto, que depois alcançou renome nacional como jornalista. O Glauber Rocha foi responsável pela introdução de discussões políticas e análises cinematográficas.

Braulio Tavares integrava um grupo de jovens estudantes que resolveu retomar as atividades do Cineclube Campina Grande em 1967, após anos inativo. “Fizemos um curso intensivo de cinema, promovido num colégio, e o professor Dorivan Marinho, que era um ex-diretor do CCG, repassou para nós o material (estatutos, documentos, etc.) para que o cineclube voltasse à atividade”, relembra.

Após o curso, e com o apoio de Dorivan, o cineclube ficou a cargo do grupo de Braulio, que incluía Luís Custódio, José Umbelino Brasil, Jackson Agra, Marcos Agra, Rômulo Azevedo, Romero Azevedo, Guilherme Vilar, Pedro Quirino, Severino Caluete, Marcos Barbosa, Zélio Furtado, Antonio Lins e Edmilson Dantas, entre outros.

Bráulio Tavares explica que as reuniões eram semanais, aos domingos de manhã, nas dependências da União dos Moços Católicos, um prédio por trás da Catedral de Campina Grande. “Em todo o Nordeste, sempre houve uma ligação histórica entre a igreja católica e o movimento cineclubista, como está registrado na obra de autores como José Rafael de Menezes (*Caminhos do Cinema, etc.*) e outros.



Braulio: “Em todo o Nordeste, sempre houve uma ligação histórica entre a igreja católica e o movimento cineclubista”



Nêumanne: Cineclube Glauber Rocha foi responsável pela introdução de discussões políticas e análises cinematográficas

“

Exibimos mostras de Norman MacLaren, com filmes enviados pela Embaixada do Canadá, exibimos os curtas premiados do Festival JB-Mesbla, exibimos clássicos como 'Rocco e Seus Irmãos' etc., além de ciclos do cinema paraibano”



Agnaldo Almeida, um dos fundadores do Glauber Rocha: “O cinema tinha bons autores e discutia os temas sociais da época”

As sessões de filmes, na bitola de 16 mm, eram custeadas com a verba da mensalidade dos sócios, em parceria com o Cinema Educativo. Depois, o cineclube passou a receber filmes cedidos gratuitamente por embaixadas. “Exibimos mostras de Norman MacLaren, com filmes enviados pela Embaixada do Canadá, exibimos os curtas premiados

do Festival JB-Mesbla, exibimos clássicos como *Rocco e Seus Irmãos*, de Luchino Visconti, etc., além de ciclos do cinema paraibano: *Aruanda, Romeiros da Guia, Cajueiro Nordestino, A Cabra na Região Semi Árida* etc.”, complementa Braulio.

Ele revela que à época foi firmado convênio com o “Diário da Borborema” para a publicação

de críticas dos sócios, e através de Luís Custódio, o cineclubes coordenou durante todo o ano de 1968 a programação (sábados pela manhã) do “Cine Distração”, no Cine Capitólio, com clássicos de John Ford, Orson Welles, etc.

“O Cineclubes deixou de funcionar com o AI-5 em dezembro de 1968. Mas a partir de 1971, o Museu de Arte da FURNe (atual UEPB), dirigido pelo artista plástico Chico Pereira, iniciou um trabalho informal com sessões, debates, cursos de cinema, de que não só eu participei, como vários integrantes do CCG, citados acima”, informa.

Braulio Tavares revela que a contribuição do cineclubes na sua formação intelectual e artística foi imensa. “Não discutíamos apenas cinema. O Cineclubes me empurrou para estudar artes plásticas, teatro, poesia de vanguarda, teoria estética, teoria literária. Foi a primeira grande “abertura de janelas intelectuais” que tive”.

Nos anos de 1969 e 1970, respectivamente, os cineclubes Glauber Rocha e Campina Grande encerram suas atividades e fecham as portas em definitivo. Porém, o movimento cineclubista de Campina Grande se mantém ativo nos anos seguintes, a partir de escolas e cursos universitários. É daí que surgem o Cineclubes Humberto Mauro (1974), na escola Pio XI, o Paulo Pontes, no curso de engenharia da UFPB, e o Onze de Agosto, no curso de medicina da UFPB (1976). A atividade cineclubista de Campina Grande também fez surgir o Cineclubes Machado Bittencourt, da Universidade Estadual da Paraíba.

CINECLUBE DEU ORIGEM AO GRUPO “LEVANTE”

O Cineclubes Glauber Rocha foi fundado por Cláudio Porto, Roberto França e Agnaldo Almeida, entre outros. A informação foi repassada pelo jornalista José Nêumanne Pinto, que quando chegou ao cineclubes, este já existia. “O Cineclubes Glauber Rocha aconteceu em um momento muito bonito, importante e de muita atividade cultural”, ressalta.

O jornalista Agnaldo Almeida explica que, como naquela época não existia internet, o jovem recorria aos livros e ao cinema para ter informação cultural. “O cinema tinha bons autores e discutia os temas sociais da época. Então, foi quando surgiram muitos cineclubes”, observa.

Segundo relata Agnaldo, os cineclubes se reuniam em lugares diferentes. No caso específico do Cineclubes Glauber Rocha, havia um apreço especial pelo Cine Capitólio, localizado na Rua Irineu Joffily, no Centro de Campina Grande. “Toda quarta-feira, a gente assistia a uma sessão de filmes de arte, no Cine Capitólio, e no domingo pela manhã, a gente se reunia, discutia o filme e fazia uma crítica. Acho que o Cineclubes Campina Grande fazia o mesmo. Depois da reunião, se houvesse oportunidade, a gente publicava uma crítica sobre o filme em um dos jornais da cidade. (José) Nêumanne mesmo escreveu várias críticas no Diário da Borborema. Também escrevi algumas”, relembra.

Na época, com 17 anos, Agnaldo e seus companheiros de cineclubes assistiam e discutiam os filmes, procuravam conhecer e preencher fichas de anotações com o nome dos atores e diretores de cinema. “A vida era fazer isso, estudar e jogar bola”, resume o jornalista. Ele acrescenta que a maioria dos praticantes do cineclubismo campinense estu-

davam no Colégio Estadual da Prata, onde o Cineclubes Glauber Rocha dispunha de uma salinha para reunião do movimento. “Todos nós éramos estudantes secundaristas, gostávamos de cinema e leitura. Nós tínhamos um preparo de leitura bastante azeitado, líamos autores brasileiros e estrangeiros”.

José Nêumanne Pinto lembra que, na época, Luciano Wanderley, que era proprietário dos cinemas Capitólio e Babilônia, em Campina Grande, e Municipal, em João Pessoa, abriu mão da quarta-feira para uma programação chamada Cinema de Arte. A principal atividade do cineclubes era escolher, entre os filmes disponibilizados por Luciano Wanderley para serem exibidos com o carimbo de cinema de arte, o que dentre eles merecesse essa denominação. “Na minha gestão, lembro que selecionamos, por exemplo, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, que era o homenageado do nosso cineclubes”, informa.

O jornalista reconhece que o Cineclubes Glauber Rocha foi fundamental na sua vida. Ele explica que a diretoria escolhia os filmes para o Cinema de Arte e o presidente da entidade escrevia uma crítica que justificasse a escolha e que era publicada no diário da Borborema. “Com 15 anos fui eleito presidente do cineclubes e por conta disso recebi a incumbência de escrever e publicar a

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



Adalberto Ribeiro: “O cinema me ajudou a despertar para a vida intelectual”.



Cláudio Porto também integrou o CEU: “Todo mundo saía com cara de inteligente”.

crítica acerca do filme escolhido. Foi a primeira vez que eu entrei numa redação de jornal, ou seja, comecei a escrever no jornal com 15 anos. Então teve essa conexão do cineclube com a minha vida profissional”, afirma.

O Cineclube Glauber Rocha tinha uma ligação importante com o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), com o apoio do paraibano João Córdula. “Na ocasião, o grupo conseguiu o curso de cinema do INCE. Na época, nós tínhamos contato com Carlos Aranha, com o secretário de redação de A União, Barreto Neto, e com o jornalista Martinho Moreira Franco. Eles tinham um cineclube em João Pessoa chamado Charles Chaplin”, comenta.

Segundo revela José Nêumane Pinto, o Cineclube Glauber Rocha depois se transformou em um grupo cultural chamado “Levante”, que foi fechado na ditadura militar. “Eu lembro até hoje, que nos correspondíamos com o mundo inteiro através de uma caixa postal chamada Postal 21, do Correio Central de Campina Grande, e que a caixa postal foi invadida e a correspondência violada na época da ditadura. Foi do grupo ‘Levante’ que saiu um movimento de vanguarda chamado ‘Poema/Processo’”, revela.

José Nêumane Pinto diz que o cinema hoje é outra coisa. É sinal e imagem de computador. “Os cinemas são restritos aos shoppings centers, e como na pandemia estão todos fechados, o cinema hoje é na TV. Por isso substitui o cinema pelo futebol”, completa.

Sobre o cinema, Agnaldo Almeida é da opinião que, desde o surgimento do cinematógrafo desenvolvido pelos irmãos Lumière, trata-se de uma arte cativante. “Você entra numa sala escura, passa uma hora e meia, e se transporta para outro mundo, com aquele tema que está sendo exibido. Seja na forma de um drama, um romance, ou na forma de uma questão social, uma guerra, você passa uma hora e meia e quando sai, é conversando, discutindo sobre o que vivenciou”, analisa.

Agnaldo considera que houve um renascimento do cineclubis-



*Iremar Maciel de Brito,
José Adalberto Ribeiro
e José Nêumane
Pinto, integrantes do
movimento cineclubista
de Campina Grande*

mo em João Pessoa e revela que tem aparecido alguns cineclubes ligados a colégios, entidades culturais e universidades. “O cineclube é muito importante, porque faz você se sentir pertencendo a um grupo de pessoas que não está atrás de dinheiro, mas de enriquecimento cultural. O cineclube tem esse viés de levar pessoas que se interessam por uma cultura mais ampla, em todos os níveis. Quanto mais você frequenta, mais crescendo você vai. Hoje os garotos estão numa ligeireza danada, pensando só em ganhar dinheiro. Se algo não dá dinheiro, não interessa”, constata.

DESPERTAR PARA O MUNDO DAS IDEIAS E DA CULTURA

Ele tinha entre 16 e 17 anos, isso em 1969 e 1970, quando começou a despertar para a literatura, para as artes e para o mundo das ideias. Trata-se do jornalista paraibano, hoje radicado em Recife, José Adalberto Ribeiro, um dos participantes do movimento cineclubista de Campina Grande e, especificamente do Cineclube Glauber Rocha. “Na época, o nosso mundo era mais a literatura, a poesia, e o cinema fazia parte desse nosso mundo e nos chamava a atenção, porque tivemos essa experiência de cultivar a imagem de Glauber Rocha, que se tornara o grande e criativo cineasta do Brasil”, ilustra.

Ele considera que o cineclube

foi o seu contato em primeiro grau com o mundo das ideias e das artes, e o cinema, no caso, como uma extensão da literatura. “Eu também estudava no Colégio Estadual da Prata, o grande oráculo da nossa vida e que marcou época na vida de todos nós. O cinema, pelo menos no meu caso, foi uma fonte de cultura, entretenimento, informação, mas não cheguei a cultivar o cinema mesmo não, porque derivei para o campo do jornalismo político e da crônica política. O cinema foi uma experiência mais diletante. Eu gostava do cinema, cultivava a arte do cinema, o que me ajudou a despertar para a vida intelectual, mas não optei por militar diretamente na área de cinema”, esclarece.

José Adalberto Ribeiro explica que o cineclube não tinha equipamento, era feito um grêmio literário, onde os participantes se reuniam informalmente para debater o filme que haviam assistido. “Cultivar a arte do cinema e assistir os filmes era a nossa agenda cultural. Não havia uma tratativa prévia para que todos fossem assistir determinado filme. O que fazia parte da agenda cultural da cidade, na nossa época, era acompanhado pelos que faziam parte do cineclube.



Da esq. para dir.: Néumanne Pinto, Agnaldo Almeida, Regina Coeli e Stênio Gomes, integrantes do Glauber Rocha

A gente sabia quais os filmes que estavam em cartaz na cidade e nacionalmente. Tínhamos essa vivência de ler nos jornais e de comentar entre nós mesmos, mas não tínhamos uma agenda fixa para assistir uma sequência de filmes. A comunicação entre nós era muito espontânea. Quando a gente se reunia, aquele filme que estava em evidência na época naturalmente entrava no centro dos debates”, explana.

Ele garante que, na época, a partir dos clássicos do cinema nacional, a exemplo dos filmes de Glauber Rocha, e do cinema internacional, os cineclubistas iam tomando conhecimento, elaborando suas ideias, conversando e frequentando um local chamado Praça do Capitólio, que ficava em frente ao Cine Capitólio. “Os amigos de geração e de colégio se reuniam nos bancos da Praça do Capitólio e conversavam na saída do cinema, tendo ou não sessão. Conversávamos sobre o nosso dia a dia, nossas experiências no colégio, coisas de cinema mesmo, agenda de poesias”, complementa.

Segundo revela José Adalberto, a efervescência cultural da época estimulou muita gente a trilhar bons caminhos. “A nossa geração era inacreditável, porque a gente sendo de uma cidade como Campina Grande estava sintonizado com as ideias culturais da vanguarda nacional. Na verdade, estávamos ligados no que acontecia no Rio e São Pau-

lo, na poesia e na literatura, no que havia de vanguarda, de mais grandioso na literatura e nas artes contemporâneas da época. Isso tudo foi um fenômeno na nossa vida. Falo desse despertar em pessoas de classe média para as ideias em torno do que havia de mais vanguardista no Brasil e no mundo. Algum ponto fora da curva foi o que levou jovens de uma cidade do interior da Paraíba a despertar para esse mundo das ideias e da cultura, de uma maneira assim arrebatadora e que marcou a nossa vida para sempre”, finaliza.

CINECLUBE NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO CAMPINENSE

O economista Cláudio Porto, paraibano de Campina Grande e que mora há mais de 30 anos no Rio de Janeiro, lembra ter participado de um outro cineclube que funcionou no Clube do Estudante Universitário (CEU), no tempo em que era aluno da Faculdade de Economia, em Campina Grande.

“Isso já faz mais de 50 anos, mas recordo que havia, às margens do Açude Velho, duas edificações - talvez ainda tenha hoje -, uma era o restaurante universi-

tário e a outra era o clube. Paulo Henrique foi o presidente do CEU indicado por nós do Diretório de Economia, um tempo em que o CEU foi muito dinâmico. Além de grandes festas, Paulo Henrique instalou lá um cineclube. Nesse cineclube havia uma projeção por semana”, lembra Cláudio Porto.

Ele revela que, na época, os participantes do Clube do Estudante Universitário gostavam muito do cinema francês, mas também de filmes nacionais. “Sempre existiu uma rotina de primeiro se exhibir o filme e depois haver um debate. Era um debate muito interessante, mas às vezes meio hermético. Às vezes, a gente assistia o filme e não entendia nada, mas todo mundo saía com cara de inteligente. Isso foi um ponto muito importante para cultivar o gosto pelo cinema, não só para mim, mas para toda a minha geração”, assegura.

Cláudio Porto comenta que hoje, com uma revolução tecnológica, como as redes sociais, os streamings, YouTube e outros canais, o gosto pelo cinema e pelos filmes um pouco mais reflexivo caiu um bocado. No seu caso particular, esse gosto pelos bons filmes foi algo despertado na época de estudante universitário e permanece. “Então, foi uma experiência muito legal, muito boa, e que durou entre 2 e 3 anos. O cineclube foi muito importante para aquela geração universitária”, avalia.

Ele acrescenta que o grosso do público que frequentava o cineclube era formado por universitários, não só por uma questão de faixa etária, mas porque as pessoas já viviam um processo de amadurecimento, por conta dos filmes que passavam no cineclube, que não eram quaisquer filmes. Eram filmes de Truffaut, de Godard, de grandes diretores e grandes produtores. “Às vezes também eram exibidos filmes bem antigos. Então é uma lembrança, embora um pouco vaga hoje em dia, de algo que foi muito precioso”, conclui.

Alexandre Nunes é jornalista e escreve sobre política, economia, cultura e religião. É repórter especial do jornal A União. Mora em Santa Rita (PB).

Os embalos de sábado à tarde

Martinho Moreira Franco
Especial para o *Correio das Artes*

Nunca houve um cineclube como o Charles Chaplin. Em João Pessoa, pelo menos, não. Sei da existência de outros, anteriores e posteriores, mas nenhum exerceu papel e influência tão marcantes na formação de uma consciência crítica entre espectadores de cinema da cidade. Ser um espectador com esse tipo de consciência, aliás, ganhou roupagem de mantra depois de o cineclube do Liceu Paraibano ensinar que cinema também se aprende no colégio. Foi uma grande lição do professor Pedro Santos e do aluno Paulo Melo, fundadores e primeiros dirigentes da entidade. E as tardes de sábado no Liceu – quando eram exibidos os filmes do CCCC – nunca mais seriam as mesmas.

Devo ressaltar que pertencer ao cineclube e assistir às suas exibições semanais não significava que sócios e frequentadores das sessões fossem criaturas de outro mundo. Nada disso. Como associado e membro da diretoria, posso dizer que éramos os mais comuns dos mortais. Só com um certo verniz intelectual, que eu não teria hoje a cara de pau de negar. Alguns mais, outros menos. Entre os ▶

*lfhdl fdlfjd flaj
sd dalkjda ladif
dalfjsdafsadksda
lsdkj sdlkjsd
flsdj jh jh*



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

▶ redatores da publicação *Borrão de Cinema*, por exemplo, havia quem levasse jeito de filósofo, como o próprio Paulo e Emmanuel Ponce de Leon, mas também os de postura totalmente informal, muito à vontade e até descontraída, como o locutor que vos fala e José Ismael de Oliveira.

Claro que a condição de cineclubista favorecia prestígio. Professores (alguns, associados à entidade) distinguiram alunos da categoria com tratamento diferenciado, especialmente os colaboradores do *Borrão*, por redigirem acima da média. No meu caso, quando já chegara a colunista do jornal *Correio da Paraíba*, fui certa vez instado a dar uma aula de introdução ao cinema - sendo desnecessário dizer que queimei o filme do professor, pois, se tapeava incautos com textos razoáveis, minha didática era abaixo de zero. Tivesse sido cobrado bilhete dos alunos, seria obrigatória a devolução. O cineclubista também despertava atração entre alunas do Liceu para as quais jogava charme de “entendido” em cultura geral. Fazia parte das relações entre rapazes e moças do colégio.

Atuar na diretoria do Charles Chaplin implicava cumprir funções burocráticas, como ajudar na confecção e distribuição de ingressos e na produção de material publicitário. Eu adorava desenhar letreiros para cartazes em cartolina afixados no mural do Diretório Estudantil chamando para a exibição do filme da semana. Usava lápis hidrocor marca Pilot, em várias nuances cromáticas. Causava o maior sucesso, até pelos desenhos em arabesco nas extremidades e pelos frisos cercando as fotos. Ficavam chamativos, desculpem a imodéstia.

O Diretório Estudantil do Liceu era o território livre no qual as tribos dos cursos Ginásial, Clássico e Científico montavam acampamento para as mais variadas formas de atividade, do

lazer à militância política. A secretaria do CCCC funcionava lá. No amplo salão, havia espaço para jogos de tabuleiro e mesa de pingue-pongue, sem contar cavaletes e depósito de material destinado a confecção de faixas para passeatas e outras manifestações contra o governo, especialmente no regime militar. Não faltava toca-discos para se ouvir bossa-nova e músicas de protesto. Localizado no térreo, ao final do corredor acessado pela rampa que também dava passagem para as salas de aula do Clássico, tinha visão panorâmica da Avenida Getúlio Vargas. O limiar era um mirante privilegiado.

Outro recinto muito apreciado pelos cineclubistas era a Biblioteca, de diversificado e bem cuidado acervo. Evidente que a estante preferida continha livros versando sobre temas artísticos, notadamente os títulos relacionados à Sétima Arte. *A História do Cinema Mundial*, do francês Georges Sadoul, em dois volumes, não chegava para quem queria. O livro mais emblemático para os aprendizes, todavia, era, sem dúvida, *Caminhos do Cinema*, do paraibano José Rafael de Menezes, um dos pioneiros do cineclubismo no estado. A obra, editada pela Agir, orientou toda uma geração de futuros cinéfilos, despertando o interesse de iniciantes e ensinando-os a “ler” um filme, tal o caráter educativo do conteúdo. Tamanha era a sua procura que terminei desistindo do empréstimo no colégio e me vali da Biblioteca Pública Governador Pedro Gondim, em Jaguaribe, para conseguir um exemplar.

Nada nem nenhum local se comparava, porém, ao auditório, a sala de exibições do CCC, também no andar térreo. Amplo, com pé direito alto, oferecia

até espaço no meio piso superior equivalente ao “balcão” dos cinemas convencionais. Ficava lotado a cada sessão semanal. Como o Charles Chaplin não era um “clube do Bolinha”, contava com alunas do colégio em seus quadros - e elas davam colorido especial à plateia. Algumas namoravam ou paqueravam com colegas e chegavam a compartilhar, discretamente, clima de “escurinho do cinema”, sob o olhar vigilante de João Córdula, o severo operador do projetor de fitas de 16mm trazido por ele do Serviço de Cinema Educativo, do qual era diretor. Carregava o equipamento nos ombros, auxiliado pelo filho Clóvis.

Como se vê, apesar de serem uma espécie de aula ilustrada sobre cinema, pois os espectadores vinham instruídos por informações técnicas e apreciações críticas a respeito do filme em cartaz, as sessões do CCCC conciliavam esse viés didático-pedagógico (havia debates a cada final de exibição) com a atmosfera leve e solta das matinês corriqueiras em salas do circuito comercial. Além de profissionais da crítica especializada, surgiu dali um público que terminou por fazer de João Pessoa uma cidade de elevado nível de consciência cinematográfica. Criação do Charles Chaplin, o Cinema de Arte, mais tarde incorporado pela Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP) e por empresas exibidoras da capital, foi a manifestação mais expressiva dessa notável evolução. E, em plenos tempos da brilhantina, o Liceu deixou gravados em sua história e na memória dos chaplinianos cineclubistas do colégio os inesquecíveis embalos culturais de sábado à tarde nos anos 1960. ■

Martinho Moreira Franco, 74, é jornalista. Trabalhou nas redações de todos os jornais diários de João Pessoa e foi correspondente da revista *Veja* e de *O Globo*. Mora na capital da Paraíba.

A REIFICAÇÃO DO HUMANO
NA CONTÍSTICA DE

Dalton Trevisan

José Mário da Silva
Especial para o *Correio Artes*

Já se disse que a biografia de um escritor tem início no exato momento em que ele publica a sua primeira obra. A despeito desse aforismo, apanágio da reação da crítica formalista ao biografismo ingênuo caracterizador dos estudos literários de parte do século 19, seja-nos permitido fazer uma breve apresentação de Dalton Trevisan, um dos nomes mais significativos da literatura brasileira da atualidade.

Nascido em Curitiba no já longínquo ano de 1925, mais precisamente no dia 14 de junho, advogado, Dalton Tre-

visan é considerado quase unanimemente pela crítica literária brasileira como um dos melhores contistas brasileiros da atualidade.

Tradutor de clássicos de Gide, Proust, Kafka, dentre outros expressivos nomes da literatura universal, o seu aparecimento no mundo das letras nacionais dá-se com a edição de uma revista intitulada *Joaquim. Novelas Nada Exemplares*, publicado em 1959, assinala a sua primeira publicação. Avesso a entrevistas e badalações típicas do ser/fazer mais convencional da vida literária, no melhor estilo de gauche à Carlos Drummond de Andrade, defende o primado da obra sobre o autor.

Das notícias policiais, das frases feitas que integram o vasto repertório da cultura e das conversações populares, das bulas de remédio, da confiança dos amigos, da leitura dos clássicos e do seu agudo senso de observação da realidade; de todo esse universo é que Dalton Trevisan extrai a matéria viva de que está fartamente impregnada a sua singular produção literária.

Desconfiado das teorias que vinculam o processo da criação literária ao princípio soberano da inspiração, prefere acreditar, na esteira das postulações racionalistas de Paul Valéry, que de graça os deuses só nos concedem o primeiro verso, sendo, depois, necessária conjugação de três atividades indispensáveis: trabalho, trabalho e trabalho. Por essa ra-

FOTO: REPRODUÇÃO



A obra de Dalton Trevisan é marcada por um tom inequívoco de crítica social, direcionada contra as multisseculares formas de opressão que protagonizam as desidealizadas interações humanas

▶ zão, afirma Dalton Trevisan, que para escrever o menor dos contos a vida inteira ainda é curta.

Para o teórico da literatura Tzvetan Todorov, toda leitura literária deixa de ser imanente a partir do instante em que se torna presente a indispensável figura do leitor. Fora dessa triádica e indissociavelmente intersubjetiva relação leitor-texto-autor, o que há são traços negros deslizando sobre a face branca do papel, conforme as ponderações de Jean Paul Sartre.

Desse modo, e dentro da acepção semântica mais rigorosa imanente à palavra lúdica, nossa sumária abordagem da contística de Dalton Trevisan, presentificada no livro *Cemitério de Elefantes*, tem a finalidade precípua de interagir, dialogar, engendrar reflexões sobre o texto, objetivando, panoramicamente, e sem nenhuma pretensão verticalizadora, mapear algumas das principais temáticas cultivadas pelo escritor como, por exemplo: a reificação do ser humano, que aparece visceralmente mergulhado num universo impessoal e dessacralizado, com a violência se autoimpondo como o paradigma comportamental predileto a imantizar o universo das desacertadas e infelizes relações amorosas; a incomunicabilidade entre os seres; a sexualidade grosseira; a morte, níveis temáticos que expõem uma cosmovisão trágica da condição humana.

Uma coisa é escrever contos, circunstancial e episodicamente, fruto de achados que não se perenizam porque não se arraigam no solo concreto da experiência maturada de vida e de arte da parte de quem os compõe. Outra coisa, diametralmente oposta e radicalmente distinta, é ser contista, trazer jungida à pele, ao sangue, aos nervos, enfim, a toda personalidade, a arte suprema e o domínio perfeito da tarefa de recriar, esteticamente, o real, dentro dos parâmetros inerentes à estrutura da narrativa curta, centrada, dentre outras possibilidades de compreensão, numa só célula dramática, conforme as teorizações de Massaud Moisés.

Mário de Andrade, num dos arroubos da sua irrequieta inteli-

gência, disse, certa feita, que conto é tudo aquilo que o autor chamar de conto. Mas, entre o ideal e o real impõem-se, às vezes, abismos quase intransponíveis, e, em relação à problemática do conto, a realidade conceitual distancia-se um pouco do exacerbado ludismo preconizado pelo criador de *Macunaíma*.

Caracterizado, essencialmente, dentro da Teoria da Literatura como uma narrativa marcada pela unicelularidade dramática, tudo, no conto, deve ser sinônimo de concisão e funcionalidade: o tempo, o espaço, o dialogismo, o enredo e a dimensão de incursionamento pela psicologia das personagens, a fim de se rastrear a vida íntima de cada uma delas.

É o que detectamos nas 23 narrativas presentes no livro *Cemitério de Elefantes*. Examinadas no conjunto, as 23 peças de que se compõe o tabuleiro ficcional de *Cemitério de Elefantes* apresentam enredos marcados por um mergulho quase obsessivo do autor no universo estilístico e existencial das reiterações situacionais que denunciam a partir da reduplicação do mesmo, a realidade trágica da condição humana.

Joões e Marias, todos anônimos e mergulhados na cinzentize vulgar do cotidiano, são as personagens básicas de Dalton Trevisan, anti-heróis por excelência, movem-se num mundo dessacralizado e feito mais de misérias que grandezas, mediante o exercício de uma liberdade precariamente exercida.

É por esse prisma, o da desumanidade crescente e irremediável, que ressuma da obra de Dalton Trevisan um tom inequívoco de crítica social, direcionada contra as multisseculares formas de opressão que protagonizam as desidealizadas interações humanas.

João e Maria são símbolos inarredáveis da precária condição humana. Curitiba, tal qual o sertão de Guimarães Rosa, é o mundo. Eis a dimensão mítico-universal da obra de Dalton Trevisan. Mas não se pense que Dalton Trevisan cai no vício comum das narrativas maniqueístas, que veem no opressor a personificação do mal, e, no oprimido, a indelével marca

da bondade a provocar suspiros de compaixão no leitor emotivo. Não. Isso, no limite, equivaleria a estar cheio de boas intenções e, apesar disso, fazer má literatura, conforme Gide.

Como acentua o crítico literário Modesto Carone, “em Dalton Trevisan é pela via do desumano que se denuncia a desumanidade, e não através de uma apologia bem intencionada do oprimido, como se nele se encontrasse virtudes, e não as marcas violentas que o condenam a ser aquilo que ele ainda é”. Funcionários públicos, prostitutas, bêbados, malandros, solteironas, jogadores, mães de família, eis alguns dos tipos humanos hegemonicamente recorrentes na contística de Dalton Trevisan.

Em “Angústia de um Viúvo”, temos uma verdadeira obra-prima. Nesse conto, oferece-nos Dalton Trevisan uma perfeita radiografia de uma existência soterrada debaixo do peso asfíxiante de um cotidiano mesquinho. Do protagonista do conto não se diz sequer o nome. Tem-se uma supressão do código onomástico. Na ausência propositada de uma identificação singularizadora, conhecemo-lo pela inserção num universo existencial marcado por um paradigma comportamental rotinizado. A prosa é fluente, concisa e impregnada por um ritmo frenético, metáfora da automatização dos gestos.

Em “Duas Rainhas”, o conto se marca por um realismo grosseiro, não raro cruel, fotografia impiedosa de tipos humanos socialmente discriminados.

Em “O Jantar”, a partir dos estereótipos da linguagem clichê, Dalton Trevisan desvela o quadro doloroso de um arremedo de família, protagonizado por um pai e um filho que têm língua, mas não exibem linguagem; falam, mas não dialogam; convivem, mas não estabelecem entre si, nenhum nível de intersubjetividade mais profunda, dado que mergulhados, ensimesmadamente, nos abismos de uma radical solidão a dois, em cujo estuário antidialético, o homem não se essencializa enquanto um ser para o outro, corporificando-se, desse modo, a assertiva do ▶

► mestre Eduardo Portella, segundo o qual “fora do diálogo o que existe é o precipício”.

Dentro desse mesmo diapasão, percebe-se que no plano das relações afetivas, não há amor; há um erotismo grosseiro, animalesco, não raro elemento indicador da posse e domínio do mais forte sobre o mais fraco.

No conto “O Primo”, Euzébio, Santina e Bento configuram o famoso triângulo amoroso que tem no crime, motivado por incuráveis ciúmes, o seu ponto culminante. Tal como nos contos de Rubem Fonseca, embora com as diferenças peculiares existentes entre os dois projetos ficcionais, a violência que preside os atos das personagens não surge do exterior, reside no íntimo de cada uma delas. Elas são prisioneiras de si mesmas, na feliz expressão de Fábio Lucas, ao reportar-se ao contista criador de *Feliz Ano Novo*.

O jogo aparência vs. essência rivaliza no texto a partir das oposições temporais. “De gênio manso (antes), agora violento e mau. Na rixa de botequim, agrediu o amigo, arrancou nos dentes pedaço da orelha. Divertia-se matando corvo a tiro. Noite de chuva foi a potreiro, malhou no cavalo até o estropiar”.

“Uma Vela Para Dario”, eis mais um texto em que a arte de compor de Dalton Trevisan atinge as culminâncias da perfeição. Se já se afirmou, e com sobranças razões, que a existencialidade humana oscila entre a sublimidade e a sordidez, no conto em apreço não há senão um retrato patético e trágico do momento culminante na trajetória de uma personagem: a morte.

Narrado num estilo seco, o que, uma vez mais, expõe a cosmovisão do autor, até porque mais do que um mero arranjo de frases e de outros artifícios, o estilo, conforme Roland Barthes constitui-se numa espécie de mitologia secreta do autor, que oscila entre a língua e a escritura.

“Uma Vela Para Dario” dá-nos em tom sóbrio e teatralizado o itinerário de um homem que, caminhando apressado no solo áspero de uma cidade qualquer, passa mal, morre e torna-se espetáculo para os que o rodeiam. A brutal

FOTO: DIVULGAÇÃO



Para Modesto Carone, em Dalton Trevisan é pela via do desumano que se denuncia a desumanidade, e não através de uma apologia bem intencionada do oprimido

ausência de solidariedade para com o próximo é explicitada, no texto, de várias formas: ora através de motorista de táxi que a salvar uma vida prefere assegurar o reles lucro de uma corrida a mais, ora dos curiosos que, acercando-se do moribundo e fingindo-se preocupados com a sua sorte, o que fazem mesmo é assaltá-lo, levando-lhe o sapato, o alfinete de pérola na gravata, o relógio de pulso, documentos, o guarda-chuva e até o cachimbo que ele trazia em sua boca.

Vê-se nesse jogo enumerativo meio caotizado, o itinerário que vai do irônico ao poético, fazendo-se expressão linguística do autor curitibano uma vigorosa antiepifania dos corrosivos tempos de uma desumana modernidade. O endereço presente na carteira de Dario sinaliza para o fato de que ele era de outra cidade, metáfora típica do anti-herói moderno que aspira à sobrevivência

num mundo que é todo feito contra ele. Por fim, um menino negro e descalço faz pousar ao lado de Dario uma vela, atitude que bem pode semantizar o único gesto humano a perambular pelo universo de humilhados e ofendidos de que se impregna a ficção de Dalton Trevisan. A tudo isso se acrescenta a ironia corrosiva do narrador, quando nos afirma que Dario foi pisoteado 17 vezes e colocado na porta de uma peixaria para ser pasto das moscas que lhe vieram habitar a face.

Interessante observar que o drama vivido por Dario, agudizado até a morte, transforma-se em matéria narrável: ora para o senhor gordo, personagem citado no segundo parágrafo, ora para a velhinha, que gritou que ele estava morrendo, ora pela boca anônima que, excitada, gritou “ele morreu, ele morreu!”. A partir daí, a multidão, que gozava as delícias da noite, se dispersou, lembrando, intertextualmente, a multidão que, diante do Cristo e do seu calvário, delirantemente gritava: morte, morte, morte.

Por fim, uma notação sobre a linguagem usada por Dalton Trevisan para a criação do seu mundo ficcional. Econômica ao extremo, a prosa de Dalton Trevisan por vezes cruza as fronteiras da crônica, sobretudo pela tensão que esse gênero híbrido da literatura protagoniza entre o imediatismo circunstancial e o apelo à transcendência, conforme pontua Eduardo Portella.

Relembrando-nos da lição de Clarice Lispector, segundo a qual “a maior dificuldade do ser humano é ser humano”; e fundindo, harmoniosamente, análise psicológica com denúncia social, Dalton Trevisan erigiu pela variedade de tipos humanos e pela força ética que agencia, uma das mais sólidas ficções dentre as muitas que integram o quadro da contemporaneidade literária brasileira e mundial. ❖

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Mora em Campina Grande (PB).

Laços & Separações

Ana Adelaide

Especial para o *Correio das Artes*

“

No mundo civilizado tende-se a pensar que há recursos como o psicólogo para arrumar as coisas. O que este livro diz é que nada se arruma. A dor é a dor, e quando não há maneira de contê-la reage-se com raiva.”

(Domenico Starnone)

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Domenico Starnone e a capa de 'Laços': três pontos de vista sobre um mesmo fato, uma crise conjugal.

Laços (São Paulo: Todavia: 2017), romance do escritor italiano Domenico Starnone (*Assombrações, Segredos*) conta a história de um casal e dois filhos. Na verdade, o conflito principal se dá entre o casal. O marido, Aldo, deixa a casa porque se apaixona por outra mulher, mais jovem; experiência essa que faz com que queira ir embora. Sua mulher, Vanda, em desespero, luta por uma volta, com as armas que lhe são próprias. Faz chantagem, escreve cartas (nove), se utiliza dos filhos pequenos, e mergulha em um ressentimento sem fim, tornando-se amarga, e vingativa.

Esse é a primeira parte do livro, denominada de “Primeiro Livro”. O ponto de vista de Vanda; a sua raiva, o seu despeito, e todos aqueles sentimentos pobres e humanos que nós mulheres, quase todas, um dia experimentamos. O abandono. “Sou sua mulher!”, lembra a Aldo, bem como os votos um dia feitos diante do padre. “Volte pra casa”, lhe implora! E o marido, quando convém, discursa sobre: a família na história, a família no mundo, sua origem, e os papéis em que nos aprisionam ao casar. Engrenagens, máquinas desprovidas de sentidos, repetição. Todo esse discurso, é muito conve-

› niente quando Aldo sai de casa, o que sua mulher resume: “Ao destruir nossa vida em comum, na verdade você estava nos liberando, a mim e às crianças, e que deveríamos agradecer por essa sua generosidade”. Os homens sempre encontram formas “modernas” para justificarem seus rompan-tes e quebras de compromissos. Sua mulher, tem consciência de que, “absorvida demais pelas tarefas domésticas, pela gestão do dinheiro, pelas demandas das crianças. Começa a se olhar no espelho às escondidas e se pergunta: Como eu era, o que eu era? Fiquei presa no meio do caminho..”, diz Vanda à certa altura. E exige de Aldo: “...é urgente que me diga ponto por ponto por que me deixou; você me deve uma explicação”! Como se a vida se explicasse fácil assim!

O casamento como uma prisão para o casal! É assim que o autor passeia pelo sofrimento de ambos. Se Vanda é ressentida, Aldo, morre aos poucos pela culpa e uma certa inadequação em viver livremente ao lado de Lidia, sua nova paixão; mulher jovem, bem resolvida, com vida própria. Sob o ponto de vista da esposa, entramos em contato com todos esses sentimentos mesquinhos, vividos por quem é abandonada. A raiva, o rancor, a inveja, levando por vezes a desejos de destruição , até mesmo de suicídio.

“O Segundo Livro”, temos o ponto de vista do marido, Aldo. A sua vida em zona de conforto com a mulher e filhos; a estagnação no trabalho; a acomodação de um casamento morno; a relação fria com os filhos e a paixão arrebatadora por Lida; o sair de casa; o deslumbramento de viver uma paixão; a alegria do novo, do rejuvenescimento; as novas descobertas; nada de discussões sobre filhos; o doméstico; a família, coisas das prisões subjetivas. Mas, essa nova vida de Aldo não lhe trás a felicidade merecida. Ele está preso à culpa. Parte dessa cul-



Jumpha Lahiri assina a introdução do livro, que faz uma crítica à nossa necessidade de contenção e libertação, impulsos contraditórios que vão interagir em 'Laços'

pa, pela sua incapacidade de lidar com sua ex mulher e com os filhos e com a responsabilidade de pai. Normalmente os homens tem essa dificuldade. E para escaparem das artimanhas dessa vida anterior, fogem de vez. O que tão pouco resolve.

Pouco a pouco, Aldo vai sucumbindo à visita arrastada dos filhos, a distância desses filhos, e a distância de Lidia que também vai ficando intransponível, justamente pela sua inability de incorporar os filhos à nova vida. Os fantasmas, os ressentimentos, e principalmente a culpa, vão minando esse frescor, que ele queria ter com Lida, mas que seus fantasmas são mais aprisionadores do que imagina. E de forma quase imperceptível, quando dá por si, já voltou a ocupar a

Se Vanda é ressentida, Aldo, morre aos poucos pela culpa e uma certa inadequação em viver livremente ao lado de Lidia, sua nova paixão; mulher jovem, bem resolvida, com vida própria.

▶ sua casa anterior, e já programa férias com Vanda. Tudo morno e irreversível, como se uma segunda chance não mais existisse, nem o fizesse por merecer. Para o leitor, a tristeza se instala. Seremos expectadores da paralisação que por vezes somos ludibriados.

“O Terceiro Livro”, o ponto de vista é dos filhos. A devastação do que é assistir o des-amor e a desagregação dos pais. Os caminhos diferentes que cada um toma dentro e fora do casamento. Quando crianças, esses sentimentos vem em forma física – fazer xixi na cama, o medo do novo, emoções des-ordenadas, desejos não completados. E quando adultos, muito dessa experiência vai reverberar na forma de cada um ver e viver a vida. Impotentes e de uma certa forma com sentimentos de inadequação também, tomam uma iniciativa possível para fazer balançar a acomodação dos pais, quando esses, já na meia idade, vão de férias para a praia. O gato dos pais, ironicamente se chama, Lebos, que no grego significa destruição. Poderia, sim, Lebos se constituir numa metáfora importante, para esse des-arrumar das relações amorosas.

A introdução do livro, escrito pela escritora indiana/inglesa/americana Jumpha Lahiri (*Intérprete dos Males, Terra Descansada*), é um presente à parte. Tendo morado em Roma por quatro anos, Lahiri é quem também faz a tradução do livro do italiano para o Inglês. No texto ela magistralmente faz uma crítica importante quanto à nossa necessidade de contenção e libertação, os impulsos contraditórios que vão interagir em *Laços*. Comenta também sobre a importância dos objetos inanimados, recipientes, que contem outros, literal e simbolicamente. As coisas armazenadas e as perdidas na vida. E principalmente os rastros que deixamos, consciente ou não,

pelos caminhos vida afora. Os objetos de *Laços* são: as cartas, um cubo oco, fotografias, um dicionário, cadarços, um lar. Cada objeto aberto, uma caixa de pandora se instala e sentimentos dos mais diversos são instaurados: raiva, ciúme, frustração, inveja, lista Lahiri. E ela afirma que, o Mito de Pandora é o leitmoti de *Laços*, as tradicionais caixas chinesas, uma dentro da outra. Caixas essas que, vão sendo abertas, para que o leitor possa ver as coisas devidamente nos seus lugares e ordem, mas que os impulsos vão ameaçar tal ordem: “...é um romance sobre o que acontece quando as estruturas – sociais, familiares, ideológicas, mentais, físicas, desmoronam...É sobre nossa necessidade, coletiva e primordial, de ter uma ordem, e sobre nosso horror a espaços fechados, que é tão primordial quanto a primeira.”

As caixas chinesas funcionam como um recurso narrativo importante, para descrever uma história contida dentro da outra. Tal recurso presente também no romance *As Horas*, do escritor americano Michael Cunningham, e que desenvolve histórias de três personagens femininas: Mrs Woolf, Mrs. Brown e Mrs Dalloway, num sem fim de duplicação de personagens, temas, conflitos e desfechos. Uma estrutura tríplice, mas que, também pode indicar um número infinito de aberturas e fechamentos, como sugere Lahiri, para *Laços*.

Lahiri também aponta uma outra estrutura narrativa utilizada por Starnone em *Laços*, a da *Caixa do mágico*; estrutura essa que nos leva a um dos temas recorrentes – a de sermos enganados, traídos. “O adultério neste romance, implica uma transgressão tanto física quanto moral: pisar fora do lar da família, rom-

per o laço entre marido e mulher. Mesmo que romper esse laço talvez não signifique muito mais do que se mover de um confinamento para outro...a vida é aquilo que trai o recipiente, aquilo que se derrama”. E conclui: “*Laços* é menos sobre traição, do que sobre a dor que volta à tona: apesar dos esforços diligentes para organizar experiências, emoções, memórias, elas não podem ser empacotas, escondidas, reprimidas, arquivadas. ...pois os sonhos tanto contêm quando libertam a matéria convulsa da nossa psique, nossa alma.”

Como tradutora, Lahiri aponta também para o significado de Italiano, *Lacci*, que em italiano, significa “cadarços”. Cadarços esses que tem passagem literal (no caso da cena de Aldo com o filho e o jeito esquisito de amarrar os cadarços dos sapatos). Mas *Lacci* também é um meio de refrear, de capturar alguma coisa. E nesse meio de frear coisas, ela finaliza: “*A mensagem inquietante de Laços não é tanto que a vida é passageira, que estamos sozinhos neste mundo, que ferimos uns aos outros, que envelhecemos e esquecemos, mas sim que nada disso pode ser capturado, nem mesmo por meio da literatura.*” E aí já temos os cadarços soltos ou presos, mas como um elemento simbólico importante no desenvolvimento do enredo.

O final de *Laços* é surpreendente, original, e ao mesmo tempo desconcertante. Por vezes precisamos do choque, do alvoroço, do susto, que cadarço nenhum dá conta, para passar a limpo algo que nublou dentro de nós vida afora. *Laços* faz esse rebuliço. Interrompe um passeio aparentemente plácido numa praia, para que na volta ninguém se perca. Ou se perca de vez. ✦

Ana Adelaide Peixoto é professora aposentada do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (Dlem) da UFPb. É doutora em Teoria da Literatura; colunista do jornal A União e tem dois livros publicados: 'Brincos, Pra Que Te Quero?' e 'De Paisagens e de Outras Tardes' (2016). Mora em João Pessoa.



Monte Âncora

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*

A cidade de Batel era notória por seu trepidante porto, pela sede do Congresso Internacional de Surdo-Mudos e pelo monte Âncora.

Nesta eminência, defecada por gaivotas, erguia-se o Santuário da Virgem Oceânica, onde o devoto povo do município procurava a paz espiritual, coadjuvado por marujos que imploravam proteção em seu caminho salgado.

Dos 150 metros de altura, desdobrava-se um panorama deslumbrante, que abarcava tanto as ilhas do oceano azul quanto a cidade com suas ruas, praças primaveris, meretrícios e o porto, visitado sem cessar por vozes de todo o mundo. ▶

» E para atrair turistas ao alto do monte Âncora, sempre lavado por brisas refrescantes, foi edificado um grande cassino, com todas as instalações necessárias ao conforto dos frequentadores, inclusive com a construção de uma miniferrovia funicular, para quem não quisesse perder o fôlego numa escada interminável, cavada na rocha.

2

Pois este monte, amado em Batel tanto por motivos sagrados, quanto profanos, foi atingido por um acontecimento fatal, que encheu a cidade de horror.

Com o verão, o município sofreu repetidas chuvas torrenciais, coroados por um tufão.

Graças a estes flagelos, desprendeuse, num átimo, um enorme pedaço de terra e pedra do monte Âncora, levando em seu arremesso de quatro milhões de metros cúbicos, um quarteirão inteiro de habitações portuárias, 17 residências de famílias italianas, parte da Santa Casa de Misericórdia, o cine Excelsior e uma fábrica de louças, soterrando os seus usuários sob destroços.

3

Após o pânico, que estremeceu os espectadores e alimentou os jornais, começaram os nervosos trabalhos de desentulho, com a esperança de sobreviventes.

Só um cão latiu, de imediato, vencendo o desmonte.

De todos os bairros acudiram funcionários da Prefeitura com mecanismos e caminhões, num dia e noite de esforços, dificultados pela continuidade das chuvas, que criavam lameiros.

Nas jornadas posteriores, quando os operários tiveram que usar máscaras de gases asfixiantes, devido à putrefação dos corpos, ainda houve desabamentos menores, que preludiavam uma possível avalanche mais volumosa, porém isto não aconteceu como o esperado.



Contudo, para prevenir surpresas, os bombeiros iniciaram os trabalhos de desmoronamento artificial, controlado, por meio de poderosos jatos de água nas fendas.

Porém tiveram que parar sua iniciativa, pois tanto os donos do Cassino "Good Luck" quanto do Santuário da Virgem Oceânica reclamaram que os jatos estavam abalando ambos os estabelecimentos.

Se as mangueiras não silenciassem, enormes indenizações teriam que ser pagas.

Os técnicos apontaram que, além das causas naturais, as escavações e frequentes explosões de uma pedreira de granito na raiz do monte Âncora estavam minando seu cerne.

O proprietário era um deputado, que escapou ileso, em Miami.

4

O cardeal Luzeiro, chamado para orar pelas vítimas, afirmou, em seu sermão, que Deus resolvera enviar um castigo, pois o monte Âncora, destinado a um santuário, não deveria abrigar um cassino.

Acentuou que a companhia estrangeira, empreendedora da construção moderníssima, sabia que bem próximo estava um templo, que se sentiria desrespeitado por cabarés, salas de jogos e outros antros do pecado.

Mesmo assim, realizou-a, com o consentimento lucrativo da Prefeitura, e Deus se zangara com a profanação.

Se o cassino continuasse a sua poluição imoral, novos desastres certamente aconteceriam, monte abaixo e acima.

Os donos do "Good Luck", que ouviram o sermão, inflamado por alto-falantes, não entenderam nada de seu conteúdo, pois insistiam em ser estrangeiros, no Brasil.

O máximo que fizeram foi sorrir do tom tragicômico das imprecações do Cardeal.

5

Um ano depois, o cassino foi desativado, não por Deus, mas por alguém bem menor: o Presidente Dutra proibiu os jogos de azar em todo território nacional.

6

Não sou repórter nem historiador.

Contei esta tragédia em detalhes, porque foi nela que perdi meus pais.

Isto modificou radicalmente a minha vida, pois rodei, de parente a parente, até conseguir meu sustento, ainda que precário.

Hoje, professor de Geografia, quando vejo no mapa a palavra **Batel**, sinto um mal-estar, rente ao vômito. ❖

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura, autor de 56 livros e membro da Academia de Letras do Brasil, em Brasília.

Braulio Tavares, 70 anos:

EXERCÍCIO DE ADMIRAÇÃO

Walter Galvão

Especial para o Correio das Artes

A propósito dos 70 anos de vida do escritor músico poeta Braulio Tavares, completados neste setembro de 2020, é na condição de apologista da superinterpretação, da replicabilidade dos pseudoduplos, da intercontextualidade e da heurística estética, que compartilho no Correio das Artes o seguinte exercício de admiração:

É possível observar na obra multimodal desse autor paraibano, que um dia se definiu também filósofo popular, uma cosmogonia arbitrária do universo imaginativo humano advinda de um domínio artístico da palavra em permanente estado de excitação criativa.

► Com a posse da palavra, dos seus níveis de organização, dos fundamentos dos gêneros textuais, Braulio captura princípios das estruturas da linguagem e os traduz para nós em relatos ficcionais, interpretativos ou descritivos, entre outros tipos de objetos artísticos, todos sempre instigantes e repletos de beleza, harmonia composicional e coerência estilística e temática.

Em Braulio, a linguagem confirma o essencial da condição humana, linguagem que dá sentido à expressividade do ser, aos conteúdos e rotas do entendimento das coisas e das emoções.

Com o talento do narrador perspicaz que há décadas conquista público e crítica, ele pratica uma ontologia (filosofia do ser) no sentido de uma verificação, através da prática artística, de tudo inerente à existência em sociedade, e o faz garimpando imagens, sons e sentidos na história e nas criações da arte, da ciência e da religião, perfazendo um corpus especulativo a desembocar no mar filosófico das perguntas sobre a natureza das divindades, sobre como funciona o pensamento, a origem de tudo, o que é a verdade, os pactos teóricos definidores do conceito de razão, também sobre as possibilidades da matéria, as razões do gregarismo comunal, a natureza do infinito e a fronteira representada pela morte, entre outras.

Trata-se de uma obra energizada por paixão avassaladora pelo conhecimento. Seus textos, sejam as crônicas jornalísticas, blogs na Internet, letras de música, folhetos de cordel, roteiros (cinema e TV), contos, peças, ensaios, romances, traduções, são exitosas tentativas lógico-cabalísticas lapidadas nas fronteiras do realismo idealista e fundamentalmente plenas de imaginação.

A obra propõe, enraíza e expande universos metafísicos em planos concêntricos onde costumes, mitos, ideologias, o maravilhoso e o simbólico, o mistério e o enigma, o utópico e o onírico, a oralidade e a rememoração, o visível e o invisível, o urbano e o rural, o arcaico, o contemporâneo e o futurível secretam uma permanente atmosfera de busca e desco-

berta empreendida em jornadas épicas plenas de aventura, espanto, transcendência e fantasia.

Muitas músicas de Braulio contemplam o sentido do panfletarismo ontológico do autopromovido filósofo popular, das quais menciono três paradigmáticas: “Soberano desprezo”, “Caldeirão de mitos” e “Nordeste independente” (originariamente um mote - “Imagina o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente” - de Braulio, uma estrofe proposta a violeiros repentistas para que desenvolvam pelejas, prática técnica de origem renascentista e que permanece na atualidade nordestina de violeiros e violeiras).

Na primeira, observa-se um conjunto interessante de volutas morais ativadas por paródia estilística ao redor do sentido do ser. Na segunda, ele maneja o perspectivismo do sentido da visão como operação do conhecimento relativo do real. Na terceira, a projeção utópica é ressignificada para discutir geopolítica.

A arte de Braulio se expressa na ficção literária - e aqui estou referenciando a obra *A Espinha Dorsal da Memória*, livro-síntese do seu fazer arte, prêmio Caminho de ficção científica (contos, 1989 - Portugal) -, ora enquanto afirmação alegórica permeando situações-limites, ora impregnada do sentido de fábula que a ficção científica realiza e dissemina.

A fábula na ficção científica, gênero com o qual Braulio mais se identifica e se expressa literariamente, é a mistura feliz de duas expressões: “Era uma vez...”, cuja origem foi localizada no idioma inglês pelos especialistas em lexicografia da equipe do Dicionário Oxford no ano de 1380, e presente em muitos idiomas a partir do século 14 da grande crise europeia, período que marca para alguns historiadores o fim da chamada Idade Média; a outra expressão é “E se...”, verdadeira chave de possibilidades infinitas.

A literatura de Braulio situa-se entre dois marcos referenciais da

modernidade do século 20, as obras de Ariano Suassuna e de Jorge Luís Borges. Personagens a exemplo de Trupizupe (trovador anarquista) e o andarilho Ramon (outsider pós-hippie) evocam arquétipos de façanhas clássicas de gestas medievais e renascentistas de um mundo ibérico tão caras a Chicó e a Quaderna, e cuja matriz tipológica ressoa no Quixote e antes dele no Pedro Malasarte, este mencionado no Cancioneiro da Vaticana já por volta do ano de 1210.

Já a *Espinha Dorsal da Memória* é um caso borgeano quanto a referências explícitas e implícitas (intertextualidade) a temas como o realismo fantástico, pacto fáustico, filmografias, Shakespeare, Rolling Stone, Dante, H. G. Wells, a *Bíblia*, Dashiell Hammet, a *Odisseia*, as contrafações lógicas, sonho e pesadelo, o paradoxo e o enigma, o duplo, o tempo... Braulio, a exemplo do gênio argentino - também Braulio foi uma criança superdotada como Borges o foi, o paraibano escreveu o primeiro soneto aos sete anos; o argentino publicou a primeira tradução também aos sete anos de idade - trabalha territorialidades míticas e sensibilidade simbólicas sob a forja do poético mimetizado em prosa. Diria que o brasileiro Braulio, poeta de matriz surpreendente quanto ao domínio dos maquinismos do simbólico e do semântico, está para Borges assim como o estadunidense Philip K. Dick.

Consta na versão online (deep web) dos Registros Akáshicos o seguinte verbete adaptado por Astier Basílio do *Grande Dicionário Soviético*: “Braulio Tavares, escritor e sábio de Campinoigandres, cuja obra se caracteriza como perturbação no campo de realidade no qual um vórtice negentrópico automonitorador espontâneo é formado, tendendo progressivamente a subsumir e incorporar seu ambiente em combinações de informações. Caracteriza-se ainda por quase-consciência, sentido de finalidade, inteligência, crescimento e uma coerência armilar”.

Walter Galvão é jornalista e escritor paraibano. Mora e trabalha em João Pessoa-PB



ensaios

Mário Quintana:

UMA CARTOGRAFIA LÚDICA PARA A TRANSCENDÊNCIA LITERÁRIA

Elizabeth F. A. Marinheiro
Exclusivo para o *Correio das Artes*

Tendo feito Mestrado e Doutorado na PUC/RS, tivemos oportunidade de estudar grandes autores, a exemplo de Darcy Azambuja, Simões Lopes Neto, Mário Quintana, Érico Veríssimo e outros.

Não podemos mais rotular a literatura gaúcha de, literalmente, regionalista: ela tem características e individualidade próprias. Embora alguns textos pareçam destinados, exclusivamente, aos riograndenses, é inegável que essa Literatura aparece enfatizando, de for-

ma estética, a condição humana e a paisagem social.

Embora “nascendo” com a poesia no século 19, a literatura sulina foi crescendo admiravelmente, a exemplo do “Partenon” que extrapolou o universo gaúcho, plantando as sementes da filantropia e favorecendo a vasta produção literária, dos escritores que defenderam a abolição da escravidão.

Discípulos do “Partenon” não são apenas Apolinário Porto Alegre, Luciana de Abreu, Lobo da Costa

etc. Derivados deles, também, são o advento do romantismo e a manutenção regional. O romantismo pontuando a lírica e o regionalismo teclando a memória, o humano e, óbvio, o campo.

Sendo a infância, motivo central dos românticos (cf. Casimiro de Abreu) nada mais fértil que sua ascensão comungando com o regional entre os escritores sulinos.

Com certo declínio do romantismo, é a vez dos toques parnasianos e simbolistas. Influenciados pelos gêneros do Rio de Janeiro, os gaúchos são de grande importância, até porque não se distanciaram muito do “Partenon”. Fontoura Xavier com a obra *Opalas* consolida o Parnasianismo e o Simbolismo vai à frente, atingindo o Brasil. Daí, surgem os consagrados nomes de Olavo Moreyra e Marcelo Gama. Com sua dicção moderna, o Simbolismo, de pronto, assumiu a modernidade tal qual postulou Walter Benjamin, o qual atribuiu aos escritores o combate à massificação coletiva, de acordo com a citação de Luiz Costa Lima (in *Teoria da Cultura de Massa*). ▶

► A práxis do **eu**, revelada nos se-
mas, da luz, do calor, da sabedoria,
confirmam a metáfora do sol, cono-
tando o desejo de grandeza espiri-
tual dos poetas. É quando o **loca-
lismo** e a dicção social perdem um
pouco sua força.

Já o ideário simbolista, ainda
com tonalidade romântica, man-
tém o amor telúrico, porém volta-se
ao passado numa atitude de quem
perdeu a tranquilidade. Por conse-
quência, a **valorização da infância**;
e com ela os temas do sonho, do cre-
púsculo, do misticismo, da ascese,
enfim, a **primazia do onírico**.

Fica claro que essa colcha de re-
talhos, na qual sobrevivem o realís-
tico-social, o sonetismo metrificado
dos parnasianos, o penumbrismo
simbolista, mesmo com o toque da
mansidão em Gilka Machado, é
uma abertura para os imitadores de
Baudelaire.

No Rio Grande do Sul, Guer-
ra Duval com o verso livre; Mário
Pederneiras com suas assimetrias;
Marcelo Gama com a linha **colo-
quialirônica**; a diretriz “sério-es-
tética” de Alceu Wamosy e Alvaro
Moreira, acrescentando-se a **minei-
ridade** espiritual de Cruz e Sousa
formatam a porta aberta para a Mo-
dernidade no Brasil.

Nesse contexto, será uma atitude
crítica **irresponsável** rotular o gê-
nio **Mário Quintana**... Mesmo que
a revolução estética de 1922 tenha
chegado tardiamente ao sul e Lígia
C. de Moraes, em seu *Regionalismo
e Modernismo*, afirme que “houve
e não houve Modernismo no Rio
Grande do Sul” (1998. p.22), não
aceitamos tais posições porque a
Literatura sulina **manterá sons de
outros estilos**, mas se firma na mo-
dernidade.

E é **Mário Quintana** (sem es-
quecer Augusto Meyer) que, com
A Rua dos Cataventos, consolida
o Modernismo, isento de objetivos
sociais, voltando-se, prioritaria-
mente, à cidade, ao sonho, à criança.
Autor de canções, historietas, ano-
tações, poemas, sonetos, textos em
prosa, Quintana revelava que ouvia
as leituras feitas pelos pais e logo
cedo começaria a escrever.

Comum encontrá-lo caminhando
nas ruas portoalegrenses, trans-
formando-se no andarilho que olha
e vê a cidade em seus mínimos
detalhes. Reais ou imaginárias, as
ruas ocupam o centro da cena e o
caminhante segue captando fatos,
gestos, esquinas, derramando seus
afetos sobre os céus e a terra que,

em sua poética, se confundem.

Até mesmo as ruas antigas (rua
da Praia) estão dentro do moderno,
como se o poeta fosse deixando o
romantismo:

“Nesta Porto Alegre tão diferen-
te, basta eu fechar os olhos para me
transportar à Porto Alegre antiga.
Porque uma cidade sempre con-
tem outra dentro de si” (*Zero Hora*,
17/11/1985).

E mais:

“Ó céus de Porto Alegre, como
farei para levar-vos para o Céu?”
(*Caderno H*).

Não só nas “Canções” (*Antologia
Poética*) mas também em “Sapato
Florido” (1948), as coisas simples da
vida diária apresentam um sentido
novo de um despojado lirismo. Daí a
musicalidade das cantigas popu-
lares, dos ruídos, dos pregões etc.

“Pregoeiros. Sinos. Risadas. Si-
nos.

E levada pelos sinos,

Toda ventando de sinos,

Dança a cidade no ar!” (*Antologia
Poética*. p. 57).

Em “O Outro Mundo” do *Cader-
no H*:

“Por favor, deixa o Outro Mundo
em paz! O mistério está aqui.”

Quintana sempre morou um ho-
téis e pensões, porém as **casas** onde
viveu não desaparecem do seu ima-
ginário: “Muita vez me entretenho
em reconstruir de memória a nossa
antiga casa paterna”. Sendo a casa
paterna um lugar de passagem,
torna-se tema recorrente do Poeta,
constantemente evocada ao longo
de sua obra e, não raro, relacionada
às alusões a sua própria **infância**.
Consequentemente, o inconformis-
mo do **eu** memorialista:

“Não pude ser um menino de
rua...

Aliás, a casa me assustava mais
do que o mundo, lá fora.

A casa era maior do que o mun-
do!

E até hoje

– mesmo depois que destruíram
a casa grande –

até hoje eu vivo explorando
os seus esconderijos...” (in *A Casa
Grande*).

Não esqueçamos, todavia, o al-
cance do seu protesto político-so-
cial no texto “Instabilidade” (in *A
Vaca e o Hipogrifo*): “Reconstruíram
a cidade antiga, mas esqueceram-se
de reconstruir as nossas almas. Daí,
a instabilidade contemporânea.
Porque não somos contemporâneos
de nós mesmos”.

Atualíssimo, o protesto do Poe-



“

Ó céus de Porto
Alegre, como farei
para levar-vos para
o Céu?

(‘*Caderno H*’)

ta; inquestionavelmente, remete ao
desrespeito arquitetônico deste sé-
culo 21... A quem caberá uma con-
denação?...

A infância das cirandas, das ve-
lhas, das tias, de Lili, dos cataven-
tos, tratados com aquela simplici-
dade, que mais parece um recurso
retórico, nos dão um tempo mítico,
onde **ser e parecer** se fundem pela
inteligente desrealização do real. É
como se a visão infantil da lírica es-
tivesse em contraponto ao contexto
real.

Poemas a exemplo de “**O Mapa**”
(in *Apontamentos de HS*) e “**A minha
rua**” (in *A Vaca e o Hipogrifo*) rede-
senham a cidade ora com sotaque
bandeiriano, ora é a evasão líri-
ca de um andarilho que caminha
por **dentro de si mesmo**: “Olho
o mapa da cidade/Como quem
examinasse/A anatomia de um cor-
po...(É nem que fosse o meu corpo!)”

É neste redesenhar urbano que
sublinhamos algumas dicções de
Quintana: a memorialística, a meta-
linguística e a irônica. Neste trinô-
mio haverá sempre um denomina-
dor comum.

A memorialística está conectada
com sua linhagem autobiográfica
ancorada num território **interior**,
que vivido ou recriado (“Esses pen-
samentos que nos chegam de súb- ▶



“

E, por todo o
sempre, enquanto
a gente fala, fala,
fala,
o silêncio escuta
e cala

(“Esconderijos do Tempo”)

▶ to/nas ocasiões mais impróprias”), instaura um jogo de espelhos. A imagem romântica vai perdendo terreno e a **autorreflexão** vai ganhando espaço significativo.

E se “a imaginação é a memória que enlouqueceu”, os poemas “Confessional” (*A Vaca e o Hipogrifo*), “Álbum de Retratos” (*Caderno H*), “Autobiografia Mágica” (*A Rua dos Cataventos*), “O Poema” (*Caderno H*) revelam a diversidade dos quintaneros. No universo dos **espelhos** Quintana não se vê como Narciso; pode ver-se como um louco; indaga a religiosidade, vale dizer, não encontramos um retrato unitário do Poeta e sim o simbolismo do menino e do homem, os quais presentificam-se em sua obra.

“Nós vivemos num mundo de espelhos,
mas os espelhos roubam a nossa imagem...”

Quando eles se partirem numa afinidade de estílabos

seremos apenas pó tapeando a paisagem” (“Vidas” in *Apontamentos de HS*).

Entendemos que nessa diversidade especular seria muito exaustiva uma abordagem em torno do **humor** e da **ironia**, bases da poética

de Quintana. Veja-se, a exemplo, este “O AUTO-RETRATO”:

“No retrato que me faço/ – traço a traço –/às vezes me pinto nuvem,/ às vezes me pinto árvore.../às vezes me pinto coisas/de que nem há mais lembrança.../ou coisas que não existem/mas que um dia existirão.../e, desta lida, em que busco/– pouco a pouco –/minha eterna semelhança,/ no final, que restará?/um desenho de criança.../Terminado por um louco!” (in *Apontamentos de HS*). Observe-se a permanência da “**criança**”.

Por outra via, também consideramos difícil uma análise da versificação deste Gênio gaúcho porque dos **primeiros versos aos poemas modernos** é incontestável sua **liberdade formal**.

O solitário andante, com sua paixão pelas “**coisas**”, transforma-as em poesia. Vale dizer que não apenas a cidade, a infância e outros **topoi** são importantes. Ao personificar o banal, Quintana consolida o **animismo** em sua obra:

“O banho da luz, tão puro,

Na paisagem familiar:

Meu chão, meu poste, meu muro,
Meu telhado e a minha nuvem

Tudo bem no seu lugar” (“Canção do Primeiro Ano” in *Antologia Poética*). E ele mesmo afirma: “Desde pequeno tive tendência para personificar as coisas” (ipsis verbis). Ouvimos esta afirmação no dia em que Quintana convidou-me para contemplar o crepúsculo do “Guaíba”. Em lá chegando, perguntou-me: “Você já viu crepúsculo mais bonito que este?”. Respondi-lhe: o de Ipanema é mais bonito. Ele deu enorme gargalhada e replicou: “Que nada, menina, o Guaíba tem o crepúsculo mais belo do mundo”. E eu apenas **monologuei**: bonito e bom é estar aprendendo com o Senhor.

Aliás, o Guaíba integra a **cidade** tão amada e decantada em sua existência, em sua vasta obra.

As três linhagens (memorialista, metalinguística, irônica) poderão, neste estudo, admitir o **coloquialismo** enquanto denominador comum. Coloquialismo estético que, em versos curtos, capta o imediato e o efêmero. Que confere “eternidade” ao humor. Que é uma reflexão sobre um **eu** que, focando a cidade, questiona a morte com efeito hilariante.

Tal postura deve-se ao tratamento de assuntos sérios, atenuando-lhes a gravidade.

Sátira, humor, ironia fluem e refluem na obra de Quintana como o tecer das “perdas e ganhos”. E assim **morte** e **tempo** alinham-se na sua poemática. Em “Do Tempo” (*Sapato Florido*) “**Nunca se deve consultar o relógio perto de um defunto**”. Em “Perdas e Ganhos” (*A Rua dos Cataventos*) nuvens e ventos são metáforas do passar contínuo do tempo: “Estes inquietos ventos andarilhos/Passam e dizem: “vamos caminhar”.

Sua metapoética tanto cobre **conceitos literários** “Antes de escrever, eu olho, assustado,/para a página em branco” (*Caderno H*) ou “Ser poeta não é uma maneira de escrever. É uma maneira de ser” (*Viver & Escrever*), como se associa aos **conceitos de morte**: “A morte deveria ser assim:/um céu que pouco a pouco anoitecesse/e a gente nem soubesse que era o fim” (*Apontamento de HS*).

Com certa ótica, admitimos que o verso “...a poesia é um sintoma do sobrenatural” (*Caderno H*) desvela que, ao caminhar entre o sonho e o real, o Poeta apresenta um clima denso, onde monstros são humanizados (cf. “Bau de Espantos”, in *A Vaca e o Hipogrifo*) sugerindo o super-realismo e/ou o fantástico provocado pela conjugação natural x sobrenatural. Daí, procedem o espanto, o enigma e o silêncio que uma leitura rigorosa provará.

“E, por todo o sempre, enquanto a gente fala, fala, fala,
o silêncio escuta
e cala” (*Esconderijos do Tempo*).

Se já falamos demais é hora de silenciar, diremos nós...

Antes do silêncio devemos lembrar que ao resgatar a pureza da **criança**; ao referendar o olhar e o ver; ao criar seu universo tão **onírico** quanto real e tão **fantasioso** quanto **humano**, Quintana não tem o **retrato unitário, nem unitária é sua obra**.

Suas constantes andanças, sempre pensando o **outro** e o **si mesmo**, **transformam sua Lírica**, em que a gravidade irônica, o coloquialismo, a cidade e a criança, confirmam a **construção de um espaço confluyente**. (cf. “Confluências”, in *Antologia Poética*). ▶

Elizabeth Marinheiro, é uma escritora, crítica literária e professora doutora brasileira. “Imortal”, ocupa desde 2 de maio de 1980 a cadeira de número 20 da Academia Paraibana de Letras - APL, tendo sido a primeira mulher a ocupar um de seus assentos.

Quintais

Renata Escarião

Especial para o *Correio das Artes*

Gosto dos varais... e dos quintais. Do filho desnudo, descalço e despreocupado brincando com a terra do vaso da planta que acabei de mudar, enquanto o perfume da roupa recém lavada que penduro no varal atravessa para o muro do vizinho de onde vem cheiro de pão assado e café fresco.

Estendo cada peça com cuidado, mas gosto mesmo é do balé dos lençóis e das saias ao vento, saias do Terreiro que parecem que ainda giram com a fumaça do defumador.

Gosto dos sons do meu mundo nessas manhãs. Do balançar dos galhos da goiabeira que, vindas do outro lado, se debruçam sobre o muro e dão sombra às minhas plantas (o que me consola quando preciso, em dada época do ano, limpar a infinidade de frutas que se espatifam no chão).

Enquanto o vizinho briga com o cachorro, presto atenção aos diálogos fantásticos que meu pequeno trava com as minhocas que encontra na terra.

Levamos a manhã inteira nisso. O barro, as plantas, o vento, o varal. A vida passando mansa e simples, como tudo que importa.

Depois de tudo feito, com a sombra do muro se estendendo depois que o sol do meio dia passa, eu volto lá solenemente apenas para observar as roupas quase prontas de balançar no varal. ♥



ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

Renata Escarião Parente nasceu em Patos e vive em João Pessoa há 16 anos. É jornalista, professora, escritora e doutoranda em Letras. Lançou o romance *Sandálias Vermelhas* em 2017, vencedor do prêmio literário José Américo de Almeida, organizado pela Fundação Espaço Cultural (Funesc).



As pretinhas são o melhor que há

Ele tem 35 anos. É paulistano da Zona Norte de São Paulo. Nasceu “em uma casa bem pobrezinha. Sua imaginação foi sua melhor amiga e o fez visitar mundos incríveis, transformando-o em astronauta, desenhista, guerreiro, pirata, rei, pintor, samurai e muitas outras coisas”.

Isso quem diz é ele mesmo, Leandro Roque de Oliveira, pai de duas meninas, uma com nove e outra com dois anos de idade. Devido às suas facilidades em rimar, seus amigos começaram a dizer que Leandro matava os inimigos nas batalhas de improvisações. Daí surgiu seu nome artístico,

uma fusão de “MC” e “homícida”: Emicida.

Uma das maiores revelações do hip-hop brasileiro da década de 2000. Um rapper, compositor e cantor que rapidamente ganhou o reconhecimento público e da crítica. Na levada de sua criatividade, logo preencheu de sentido as iniciais de seu nome artístico: Enquanto Minha Imaginação Compuser Inanidades Domino a Arte. ▶

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Emicida, rapper que se aventurou na literatura infanto-juvenil com 'Amoras': músico que tem como projeto o princípio didático de cidadania plena

► De *Triunfo*, sua primeira aparição na mídia, até *AmarElo*, seu mais recente trabalho, Emicida tem colecionado não somente elogios, como tem diversificado sua linha de trabalho. A partir da canção “Amora”, feita para sua primeira filha, escreveu seu primeiro livro infanto-juvenil, homônimo, publicado em 2018 pela Companhia das Letrinhas, com ilustrações de Aldo Fabrini.

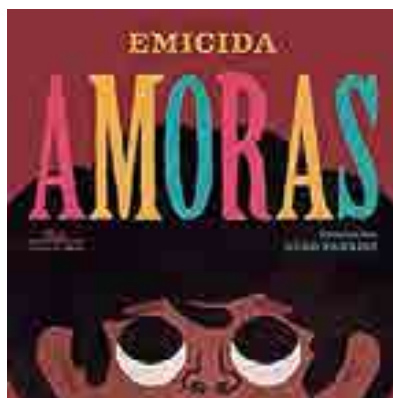
Com o isolamento social advindo da Covid 19, Emicida começou a produzir queijo e hoje não somente abastece o mercado local, como já atende a pedidos de mais longo alcance. No meio disso criou uma grife de moda e tem já o projeto de uma revista de HQ, já que desenha e conhece as HQs como poucos.

Para um garoto que viu amiguinhas de escola sendo esturpadas e mortas, amiguinhos assassinados, que passou fome e vagou pelas ruas enquanto a mãe trabalhava como empregada doméstica, já que o pai, alcoólatra, falecera quando tinha seis anos de idade, ele foi distante. O título de uma mixtape, de 2009, é significativo: *Pra quem já mordeu um cachorro por comida, até que eu cheguei longe*.

O bom humor e o mais sublime lirismo sempre estiveram presentes na obra de Emicida. Mesmo quando a ordem era denunciar as mais caóticas, inviáveis e desumanas situações sociais. Sabe pôr o dedo na ferida sem a agressividade que só distancia e assusta o público. O viés de denúncia de sua obra faz refletir e intenta a mudança.

Brincando, até repórter ele foi. No programa *Manos e Minas* da TV Cultura, e no *Sangue B*, da MTV, pegou o microfone e reportou. Sem jamais deixar a música e a poesia, tá ligado? Tanto é que em 2015 seu nome chegou ao Grammy Latino na categoria de Melhor Álbum de Música Urbana.

Atualmente está todas as segundas, ao vivo, na telinha da TV, no programa *Papo de segunda*, do GNT. Opina sobre temas



'Amoras': narrativa corre na leveza da poesia e no encanto da relação de um pai com sua filha

do momento, com bom humor, simpatia característica e aguda consciência social. Sua inteligência e facilidade de verbalização destacam-se a cada programa.

Lançar um livro infanto-juvenil não surpreende. Em especial para quem tem como projeto o princípio didático de cidadania plena: “Precisamos encontrar palavras inspiradoras, positivas e convidativas que façam com que as crianças tirem conclusões por elas mesmas”.

E é isso que ele põe em prática, com desempenho e competência admiráveis, em seu livro *Amoras*. A frase de abertura é um verso poético que salta em beleza e fica pedindo que o leitor se detenha um pouco mais. Que curta, que entre em si. Que pare o tempo por um momento. Que se desvincule dos compromissos com a realidade. E que se permita voltar a ser a criança que traz adormecida em si.

Se o leitor aceitar este convite, já é um presentão que se dá.

O livro inicia-se assim:

“Não há melhor palco para um pensamento que dança do que o lado de dentro da cabeça das crianças”.

E a narrativa corre na leveza da poesia e no encanto da relação de um pai com sua filha. Ambos estão sob uma amoreira e ele lhe explica que “as pretinhas são o melhor que há. Então a alegria acende os olhos da menina”. E o mais não digo porque não traio narrador de histórias – e muito menos a poesia.

Mas a verdade é que Emicida conta a história de uma menina e seu pai, numa conversa agradável, leve, maneira, recheada de elementos da cultura. Há os religiosos: o budismo, islamismo e culminam nas religiões africanas. Há os histórico-sociais: Zumbi dos Palmares, Martin Luther King. Há... etc. e etc.

As ilustrações de Aldo Fabrini são o outro lado do livro. Têm autonomia e criam um novo modo de ler a história. Assim, sem se distanciar do eixo da narrativa central, apresentam uma complementação e não um mero espelhamento do que o autor diz. Assim, não pode ser desvinculada do texto escrito sob pena de empobrecimento do livro. Da capa à quarta capa, ilustração e texto formam uma unidade que agrada, diverte, faz pensar e sentir belezas.

Ainda falando das crianças, Emicida disse num depoimento: “Se a gente conseguir criar um campinho de força em volta delas para que elas tenham suas convicções de igualdade preservadas, conseguimos pontuar que quem ataca qualquer diferença que duas pessoas tenham, essa pessoa é que está errada”.

“Amoras” é um livro afetuoso e poético sobre o universo cultural negro. A identidade das crianças negras é seu ponto chave. Pensado e escrito com a mais sublime delicadeza. Aquela que só a alguns poetas é dado ter. Emicida em “Amoras” é um desses. ■

(Este texto é dedicado a Laís Vitória Gonçalves Ferreira, 10 anos).

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)



Casar

COM HOMEM BONITO

dá nisso

Luiz Augusto Paiva

Especial para o *Correio das Artes*

**Se eu vou a uma festa sozinha
Procurando esquecer o meu bem
Nunca falta uma engraçadinha
Perguntando ele hoje não vem**

Lupicínio Rodrigues

Meu nome é Dolores, Maria Dolores. Para as amigas, apenas Dolô. Aliás, de amigas estou por aqui. Uma decepção atrás da outra. Não sei em quem mais confiar. Minha sorte ou sei lá, talvez seja uma urucubaca mesmo, é ter me casado com homem bonito. Bonito? Bota bonito nisso. João Augusto é tudo de que se pode querer de um homem, pelo menos fisicamente, porque em se falando da fidelidade que se espera de alguém com quem vai dividir casa, ele é um verdadeiro mala sem alça.

Está fazendo um pouco mais de três anos que me casei com João Augusto. Conheci essa criatura quando entramos juntos para o curso de Direito, no mesmo turno, na mesma sala. Havia um equilíbrio de gênero nessa turma, metade de homens e nós mulheres preenchendo a outra metade. Éramos criaturas absolutamente normais, algumas bonitas, outras nem tanto. Estou falando dos meninos e das meninas. Exceção era João Augusto, bonito de morrer.

Desde o primeiro dia de aula foi um alvoroço, quando apareceu aquele deus grego vindo lá ▶

▶ de Floripa. Os rapazes nem se incomodaram tanto, pois João Augusto era além de tudo muito simpático, gostava de um chiste, fazia amizade fácil. Logo se entrosou com a rapaziada. Ficou amigo de todo mundo.

No primeiro dia, aula de Introdução e lá estava João Augusto, arguindo, contestando, era o centro das atenções. Foi assim do começo ao fim do curso. Em dia de prova, todo mundo queria se sentar nas cercanias dele. Não se incomodava de passar cola aos colegas. Salvou muita gente de pegar dependência em Constitucional. Doutora Carmem, titular da cadeira, era uma jararaca, ser aprovado na disciplina dela não era fácil. Até essa peçonhenta arrastava a asinha para o lado de João Augusto, mas também quem não arrastava. Nosso professor de Civil, meio barro, meio tijolo, também.

Muito cordato, educado, João Augusto não dava mole para nós, as colegas de curso. Uma vez, num churrasco da turma, eu e as meninas fizemos um bolão para ver quem conseguia ficar com ele. Não teve jeito, nosso desejado apareceu com uma loira daquelas de levantar defunto. Linda e ele todo cheio de chamego em cima dela. Foi um balde de água fria. Tempos depois descobrimos que a loira era moça de programa. João Augusto deve ter feito aquilo só para dar um freio em nossas investidas.

E vejam como João Augusto era ardiloso, dissimulado. Fazia-se de desentendido só para armar seus botes. No fundo ele queria mesmo era passar o rodo, como se diz por aí. Aquele jeitão respeitoso de quem não aceita assédio era conversa para boi dormir. Ou seja, era o maior come-quieto que já ouvi falar, um danado.

A primeira vítima foi Raquel. Vítima? Ela? Nesse caso, acho que a vítima foi João Augusto, porque Raquel saiu contando para todo mundo que tinha dado para ele. Ele por sua vez fazia-se de leso e não comentava a respeito. Depois foi Ana Lúcia. Aninha tentou ser discreta, mas depois que descobriu que ele não queria compromisso, começou a cho-

rar pelos cantos até que um dia abriu o bico e todo mundo ficou sabendo.

A terceira, pelo menos ao que me consta, foi Selminha. Essa ficou na dela. Só muito tempo depois foi que descobrimos que a pegada durou bem uns três meses. Detalhe: Selminha era noiva. Safadinha que só.

Já devem estar perguntando: e você, Dolores? Calma! Antes de mim teve a Cida, Isadora, Norminha, Rosilda, pelo menos as que eu sei. Ia me esquecendo da Goreti que era a mais safada de todas. Doutora Carmem, dizem que rolou, mas ninguém prova. João Augusto me jurou que nunca. Dá para acreditar?

Estou contando isso para que entendam onde é que eu fui amarrar meu cavalo. Podia não dar certo. Quando a gente toma uma decisão, tem que pensar nas conseqüências. Eu não pensei. Meu pai já dizia: passarinho que come pedra, sabe a croaca que tem. Esse dito é meio jocoso, mas nunca vi algo tão verdadeiro.

Voltando a esse tempo de faculdade, eu estava mais focada em terminar meu curso. Já no finalzinho é que rolou a história. Ele era presidente da comissão de formatura e escolhido orador da turma. Convites, baile, colação de grau, aula da saudade, tudo na responsabilidade dele. No dia de tirarmos a fotografia para álbum, fiz maquiagem, mecha no cabelo e estava eu lá toda pimpona de beca, borda e capelo para tirar a chapa quando ele apareceu todo cerimonioso à minha frente e foi dizendo: a senhora está muito bonita. Obrigado, são seus olhos, respondi. Tudo podia ter acabado aí, mas me bateu algo estranho. Se me permitirem, serei muito sincera, não quero constranger quem se deu ao trabalho de ler este meu depoimento, mas o que passou pela minha cabeça naquela hora, foi o seguinte: vou dar para esse cara. Então resolvi ali comigo: vou aplicar um freio de arrumação nele, pensei. Como se diz, vou chegar junto. Como fiz? Bem, antes é razoável entender o seguinte: ainda não fiz essa colocação aqui, mas sempre fui bonita. Não era a mais bonita da turma, mas

que era bonita, era. Tinha cacife para encarar a empreitada.

Quando terminamos as fotografias, chamei João Augusto para um particular e perguntei se ele não podia me dar uma carona até em casa. Claro que sim, senhorita, é só aguardar um pouquinho que a gente vai, respondeu ele. Aguardei aquele tal de “pouquinho” e o “senhorita” me soou como uma falsa formalidade. Não demorou quase nada minha espera. A carona não ia gastar muito tempo já que dali até em casa não dava cinco minutos. Estava me esquecendo de contar, meus pais e minha irmã Cíntia estavam viajando, o que dava uma bela ajuda para os meus planos. No caminho conversamos o trivial, como o tempo passa depressa, parece que foi ontem que começamos o curso e outras coisas assim. Quando estávamos chegando perguntei se ele não queria entrar. Vi que ele ficou meio surpreso, então eu disse: quero mostrar uma coisa para você, uma surpresa. Surpresa? Ele perguntou. Sim, só posso dizer que é um brinquedo, confirmei. Um brinquedo? Ele ficou curioso. Um brinquedo de fazer menino! Quando eu disse isso ele ficou perplexo. Perplexo e animado. Perguntou: tem certeza, Dolores? Tenho sim, quero dar um trato daqueles em você para ver se essa fama toda tem procedimento. Ele riu e depois disse: deixa comigo, senhorita.

Não era a primeira vez que eu ia com um homem para a cama. Comecei com Waldemar (olha só o nome da figura) numa excursão do colégio para Porto Seguro. Também era meu colega de sala. Sabem disso, não é? Excursão de escola para Porto Seguro, ninguém sai de lá como chegu. Quem vai, vai pensando “naquilo”. O meu primeiro “naquilo” nem foi lá essas coisas. Tínhamos cheirado lança perfume e aconteceu à noite numa construção, um predinho que estava sendo reformado. Entramos, e aconteceu comigo encostada numa pilha de tijolos. Não poderia mesmo ter sido lá essas coisas. No outro dia eu e Waldemar reprisamos no mesmo local e horário. Tivemos que nos adaptar porque os tijolos ▶

▶ não estavam mais lá e me ajeitei sobre três sacos de cimento. Mas enfim, ficamos por quase uma semana no segmento da construção civil. De volta à nossa cidade e às aulas, procedemos como nada daquilo tivesse acontecido. Depois do Waldemar foi o Franciswaldo. Eu não dava mesmo sorte com nomes. Fran queria me namorar firme. Eu só queria namorico, sem compromisso. Eu tinha só dezessete anos e mais ainda, eu não tinha coragem de apresentar lá em casa um namorado com o nome de Franciswaldo. Fiquei com ele uns quatro meses e cá entre nós, o bichinho era ruim de cama, tipo coelho, bem rapidinho, sem a sedução do antes, nem o conforto do depois.

No cursinho conheci Davi que era professor de química. Lindão, solteiro e muito atencioso. Naquelas de tirar alguma dúvida, fui chegando bem pertinho. Encostava meus seios nos braços dele toda vez que ia sanar uma eventual dificuldade, sempre cheirosa e um botão a menos no decote. Ele de início, fazia-se de desentendido, mas percebia que eu não tinha dificuldades na disciplina dele. Com o tempo foi fraquejando. Nas aulas eu não tirava os olhos dele e quando percebia que ele me olhava, cruzava as pernas e abria um pouquinho o decote. Ele respirava fundo e demorava para retomar as explicações. Até que um dia peguei pesado e na saída do cursinho esperei em frente à sala dos professores. Ao sair ele percebeu minha presença e foi logo perguntando: alguma dúvida, Dolores? Eu disse que não e perguntei se ele dava aulas particulares. Ele estranhou porque eu entendia química muito bem e tirar dúvidas era um pretexto para chegar perto dele. Chegar perto? O que eu gostava mesmo era me encostar nele, sentir que ele se arrepiava. Não entendo Dolores, você tem notas excelentes nos simulados, não precisa dessas aulas suplementares, disse ele se fazendo-se de inocente, mas sabia das minhas intenções. Foi quando resolvi dar meu cheque-mate e tasquei a seguinte pergunta: professor Davi,

o senhor tem vontade de me comer? Ele se assustou e rebateu: como, menina? Tive que apertar o nó e perguntei: como? Como? Isso mesmo professor eu tiro sua roupa, o senhor tira a minha e depois deixa comigo. Pareceu que o cérebro dele entrou em entropia, suou e então o tranqüilizei: sei guardar segredos, sei que está querendo, não está? Ele estava e duas horas depois nós dois debaixo dos chuveiros no “Cê Ki Sabe”, um motelzinho de terceira linha, mas que serviu bem aos nossos propósitos. Professor Davi, era bom de serviço, sabia conduzir com delicadeza o antes, o durante e o depois, e que “durante”! Durou bons cinco meses essa nossa safadeza. Um dia ele falou que iríamos parar por ali porque ia ficar noivo. Entendi, desejei boa sorte. Também estava perdendo meu entusiasmo. Então, minhas experiências com homens foram essas. Nunca tive um namoro convencional. Depois disso, só João Augusto no último ano de faculdade.

Vamos voltar ao João Augusto. Levei aquela coisa linda para minha casa. Ele entrou de mãos dadas comigo, mas todo cauteloso. Dei um beijo naquela boca e senti o hálito de safadeza que ela tinha. Uma delícia. Pedi que ele se sentasse no sofá. Fui buscar uma garrafa de vinho, mostrei o

rótulo para ele e perguntei: gosta de “Periquita”? Gosto, ele respondeu. Aí eu disse: estou falando do vinho, da outra eu sei que você gosta. Ele riu com esse meu chiste. Quando acabamos de tomar a garrafa todinha estávamos os dois nus. Esbaldei-me naquele homem. Começamos no sofá da sala, depois na minha cama e terminamos nos chuveiros. Fizemos de tudo. Minha amiga aí que está lendo sabe o que eu quis dizer com esse “tudo”. Pois foi assim. E assim fomos nos dias seguintes. Esgotei aquele homem. Até que chegou o dia da formatura e vejamos o que aconteceu na colação de grau:

João Augusto era o orador da turma. Foi ao púlpito com uma maçaroca de papeis nas mãos. Começou seu discurso conforme recomendava o protocolo, cumprimentando as autoridades, os professores, o reitor, o parainfo, o patrono, os colegas e os convidados.. Depois relembrou os anos ali passados, as dificuldades e o encantamento com o saber jurídico que os mestres despertaram nele. Lembrou que no último semestre todos os que haviam feito o exame da Ordem haviam sido aprovados, o que mostrava a qualidade do ensino que havíamos recebido. Foi muito aplaudido nessa hora, Depois prometeu solenemente levar a



▶ justiça aos excluídos, aos injustiçados e sentia que como profissional se via na obrigação de lutar por um país melhor, mais justo e mais cheio de esperança. Muito aplaudido novamente. Então veio a minha surpresa. Vou tentar reproduzir o que ele disse e o que aconteceu. Vejam só:

Neste momento quero com vênia de todos, pedir que venha até aqui ao meu lado a nossa colega Dolores (disse meu nome completo). Por favor, Dolores, venha. Sem entender o que ocorria e muito constrangida, fui. Fiquei aqui bem ao meu lado, pediu ele. Fiquei ao lado dele, então ele continuou se dirigindo a mim. Dolores, hoje sou um homem cheio de sonhos, quero ser um bom advogado. Preciso construir uma biografia para que esses nossos professores venham a se orgulhar de mim. De mim e de você. Vai ser um longo e pedregoso caminho à nossa frente. Para que eu saia vitorioso dessa empreitada, quero com o testemunho de todos...Adivinhem o que aconteceu. Ele se ajoelhou à minha frente, diante de toda aquela gente, como uma caixinha de veludo numa mão e o microfone na outra disse para que todos ouvissem: Dolores, estou aqui humildemente pedindo você em casamento. Quero que seja minha companheira nessa jornada. Você aceita?

Tomei o microfone da mão dele e disse: claro que sim. Ali diante de todos e sob o aplauso de toda aquela gente demos um longo e apaixonado beijo. Sim, ficará comigo e para sempre (pelo menos era o que eu esperava) o objeto de desejo de toda aquela mulherada. Ao retornarmos junto aos formandos para o instante do juramento, fomos de mãos dadas, quando pude ver a cara de Raquel, Ana Lúcia, Selminha, Goretí, Cida, Isadora, Norminha, Rosilda e até de doutora Carmem, todas muito surpresas e me olhavam com aquela cara de espanto fazendo o tipo “como é que você conseguiu?”. Deu uma vontade de chamar uma por uma e dizer: minha filha, eu fiz de tudo. E depois sair rindo a mais sonora das gargalhadas.

Casamos dois meses depois.

Meu pai deu um festão. Ele gostou de João Augusto. Convidei muita gente, ele também convidou. Convidei até “as meninas”, mas delas, só Ana Lúcia veio. Foi no dia do casamento que conheci os pais dele que vieram de Florianópolis. O pai, a mãe, o irmão (dois anos mais novo e lindo como ele), uns tios e uns amigos da família. Simpatizaram-se comigo, pelo menos foi o que pareceu. O pai de João Augusto era bem de vida, tinha uma construtora e devem me perguntar: o que esse rapaz veio fazer tão longe de casa? O clima, dizia ele, gosto muito de praia. E Floripa não tem praia? Perguntávamos. Mas aqui dá praia o ano todo, lá não dá para entrar na água nos tempos de frio.

Fomos passar a lua de mel em Itamaracá. Uma semana. Pouca praia e muita cama. Qual a mulher com João Augusto do lado ia querer praia nessas situações? Praia só quando ele pedia trégua para recompor as energias. Umás doze horas de bandeira branca e depois o armistício cessava e retomávamos os combates.

Bem, e o trabalho? Meu sogro montou um escritório para nós, no prédio comercial mais caro da cidade. Pagou à vista, mobiliou, colocou computadores em rede, tudo o que precisávamos para dar início à nossa vida profissional. E ainda disse, se vocês forem bem sucedidos e felizes, considero pagas essas despesas. Os clientes foram chegando e nos dedicamos ao Direito de Família e o Trabalhista. O que não falta é casal se separando, briga pela guarda dos filhos e gente demitida do trabalho. Os clientes foram aparecendo, tivemos sucesso em muitas causas e em menos de um ano tínhamos uma boa carteira de clientes. Foi quando me engravidei de Joãozinho. Antes disso...

Depois que nos casamos, todo domingo que não chovia, íamos à praia, sempre a mesma, e também a mesma barraquinha, a do Seu Wanderlei e de Dona Matilde. Suco de abacaxi com hortelã para preparar o organismo, depois as cervejas na temperatura ideal, caranguejo no coco, mais tarde almoçávamos uma cioba

frita e lá pelas duas ou três da tarde voltávamos para nosso apartamento. Nesses domingos de praia, fui observando algumas coisas. Como já disse, sou uma mulher bonita, sem exageros, mas sou. Era natural que na praia, de biquíni, alguns homens me olhassem. Fazia-me de desentendida e não dava corda. Mas com João Augusto era diferente, as mulheres não tiravam o olho, estivessem acompanhadas ou não. Quando as circunstâncias permitiam, ele dava suas encaradas, retribuía algum sorriso, como se eu não estivesse percebendo. Não gostava daquilo, mas relevava e fazia de conta que não via.

No escritório tínhamos um acerto. Eu ficava enquanto ele ia às audiências. Raramente era eu. O problema estava aí. Algumas clientes davam em cima dele, clientes e até advogada da outra parte. Sempre cheiroso, elegante, vestindo ternos feitos sobre medida (ele não comprava roupa pronta) e lindo daquele jeito o que eu podia esperar? O problema é que ele começou a colocar as asinhas de fora, as asinhas e pelo que sei, outras coisas também. Aí eu tive que tomar alguma atitude depois de receber uns recados sem o nome dos remetentes. Num jantar cheguei junto: João Augusto! Você está me traindo? Que pergunta? Acho que eu seria capaz de algo assim? Trair você, nunca!

Que cara de pau! Mas não me dei por vencida: João Augusto, olha nos meus olhos e diz que não. Ele olhou nos meus olhos e foi contundente: já disse que NÃO! Você é a mulher da minha vida. Será que não entende? Depois abriu aquele sorriso mais lindo do mundo e foi tirando a minha roupa. Quase me convenceu, quase.

Assim fomos levando a vida, eu na cola, vigiando e ele escapando. As audiências cada vez demorando mais. Tinha certeza que ele estava dando umas rapidinhas quando chegava alegando dor na coluna. Olha, Dolô, nem consigo me mexer. Ia para casa comigo reclamando do desconforto, nem pedia para jantar, tomava um analgésico e caia ▶

▶ no sono. No outro dia acordava todo faceiro, fazia seu desjejum, escovava os dentes, me beijava e dizia, vem meu amor, vamos dar um tapa na macaca. Achava engraçadas essas metáforas indecentes de João Augusto: dar um tapa na macaca, bater na perseguida, afogar o ganso e tantas outras. Dentre outras coisas, devo admitir, João Augusto era divertido. Nessas horas eu não resistia, me entregava toda e fosse o que Deus quisesse.

Quando contei que estava grávida nem imaginam a festa que ele fez. Abraçou-me, beijou-me e com os olhos cheios de lágrimas, agradeceu a Deus por ter me colocado na vida dele. Pensei comigo, agora ele apaga o facho. Que nada. Era todo atenção comigo, mas quando podia dar uma escapadela, não perdia a oportunidade. Eu acabava sabendo, sempre havia alguém para me contar, não por alguma solidariedade comigo, mas sim para ver circo pegar fogo.

Ao lado do nosso escritório ficava o de Guiomar que era contadora. Quando sobrava um tempinho no final de tarde, eu a convidava para um chá, e por essas delicadezas de minha parte, fomos fazendo amizade, ou quase isso. Conversa vai, conversa vem, fomos revelando nossas intimidades, até que um dia contei minhas preocupações em relação a João Augusto. Eu a essa altura com um barrigão de sete meses. Guiomar achou um absurdo eu aceitar uma coisa dessas. Se eu souber que Carlos Alberto saiu com alguma sirigaita, mando o pé nos traseiros dele, disse Guiomar e ainda concluiu: não sei como você se sujeita a esse constrangimento. Bem, dias depois conheci o tal de Carlos Alberto. Que horror! Primeiro eu não casaria com uma coisa daquelas, feio de doer. Segundo, e se me casasse com aquilo, bastava ele fazer xixi fora do vaso que eu metia o pé na bunda do infeliz. Querer comparar Carlos Alberto com João Augusto era só o que me faltava. Nunca mais falei dessas coisas com Guiomar.

Assim que completei oito meses, combinamos de eu me afastar um tempo. Contratamos uma



estagiária para ir adiantando alguma coisa, mas o pesado eu dava conta em casa e continuei fazendo depois que Joãozinho nasceu. A mãe de João Augusto ficou conosco quase umas dez semanas, sempre muito gentil. Nesse período, seis da tarde eu via meu marido chegando cheio de mimos comigo e com Joãozinho. Foram três meses de resguardo. Voltei ao escritório quando completou esse período. Dez da manhã e três da tarde eu dava um pulinho em casa para amamentar. Resolvemos continuar com a estagiária, Giselane.

Gostei dela, estava noiva, com casamento marcado, aliança no dedo e montando apartamento para casar com Danilo, um rapagão de boa presença que acabara de se formar em engenharia. Pensava comigo, essa João Au-

gusto não vai comer. Muito tempo depois do casamento dela fui saber que Giselane também não escapou. Essa e outras.

Foram tantas as peripécias até que um dia tomei uma atitude: pus João Augusto para fora de casa. Era fim de ano, Joãozinho já gatinhando. Dias depois, festa do condomínio lá do prédio onde moro. O maior churrasco com comes e bebes, cada vizinha que aparecia para me cumprimentar, perguntava pelo meu marido. Cadê João Augusto? E ele, não vem? Aí vinha a dúvida na minha cabeça: será que essa ele comeu também? Tinha virado paranóia.

No escritório éramos muitos formais, como sócios em que o único vínculo eram aqueles estabelecidos pela Associação Comercial. Foi para um flat. Dia de Santo Reis ele apareceu com um buquê de rosas no escritório, pediu para Giselane sair por uns minutos e me disse: não posso viver sem você. Eu também não podia viver sem ele.

Quando faço esse relato, não posso negar que amo João Augusto, e por incrível que pareça sou forçada a dizer que ele me ama. Do jeito dele, mas ama. Dias depois que reatamos, na cama entre lençóis e lágrimas perguntei a ele: por que você faz isso comigo? Então ele disse: amo você, adoro Joãozinho, mas isso é mais forte do que se possa imaginar. Quando faço, me arrependo, dois dias depois a vontade volta. Eu nunca procurei. Elas que me procuram, não foi assim com você?

O pior é que tinha sido mesmo. Deixar aquele homem eu não ia. Mudar o jeito de ser, impossível. Então achei melhor deixar quieto. Teria de aprender a conviver com isso. Quem me mandou casar com um homem bonito daquele jeito?

É isso minha amiga, melhor dividir minha goiabada com umas e outras do que comer "aquelas coisas" sozinha. Perguntem à Guiomar. ✖

Luiz Augusto Paiva é professor de matemática, escritor. Atualmente é presidente da União Brasileira de Escritores - Sessão Paraíba. Escreve todas as quartas-feiras para o Jornal A União. Tem livros publicados, um de contos e dois de crônicas. Natural de Campos do Jordão, reside em João Pessoa.

Prefácios

Rachel de Queiroz costumava dizer que, quando um livro é bom, ele prescinde de prefácio; e quando é mau, não há prefácio que o salve. O curioso é que seu primeiro livro de poemas, *Mandacaru* (1928), tinha não apenas um prefácio como, pasmem, um prefácio assinado pela própria autora. Inédito até uns anos atrás, o livro havia sido doado para uma amiga que morreu num acidente de avião, antes de conseguir publicá-lo. Ironia das ironias: *Mandacaru* saiu em 2010, no centenário de Queiroz, com dois prefácios: o da escritora e o de outra organizadora que enfim conseguiu levar o projeto adiante.

O prefácio é algo como a orelha do livro, só que com uma certa pitada de erudição. Claro que, em se tratando de orelhas, há vários tipos de cabeças, e para cada cabeça um leitor: há os que as leem antes e os que as leem depois de concluir os livros; os que se recusam a lê-las e até os que as leem no lugar do livro inteiro e já se acham no direito de opinar. Em se tratando de prefácios, porém, costuma haver um só tipo de leitor: aquele que pula e vai direto para o texto literário. Daí a minha teoria de que o prefácio é algo como aquele convidado da festa que só conhece o dono da casa e fica por ali no canto da sala, sem saber como se comportar. Alguns ficam só até a hora

do bolo e vão embora à francesa, quase despercebidos. Outros chegam já roubando a cena, fazendo valer qualquer festa.

Um dos textos canônicos sobre a crônica (cujo título não por acaso batiza esta coluna) é um prefácio escrito por Antonio Candido para um dos volumes da inesquecível coleção *Para Gostar de Ler*. Quando convidei Braulio Tavares para escrever o prefácio do meu livro de estreia, *Demônios Domésticos* (2017), quis ter de volta a sensação deliciosa que eu tinha, trabalhando diariamente como jornalista, de abrir ansioso o jornal e ler sempre um texto dele antes de ler os meus. Braulio fez mais por mim: me presenteou com uma peça que coloco no mesmo patamar do ensaio de Candido e que até hoje eu não sei como agradecer por ser melhor que o meu livro.

Recentemente me vi no outro lado do tabuleiro: o de ser convidado para escrever um prefácio. Digo do outro lado do tabuleiro porque a sensação foi essa mesma: de estar no meio de um jogo, esse jogo que no caso da literatura seria algo como um Banco Imobiliário em que é impossível fazer fortuna ou um jogo da vida que não te dá o direito a carro. Certamente eu estava avançando,

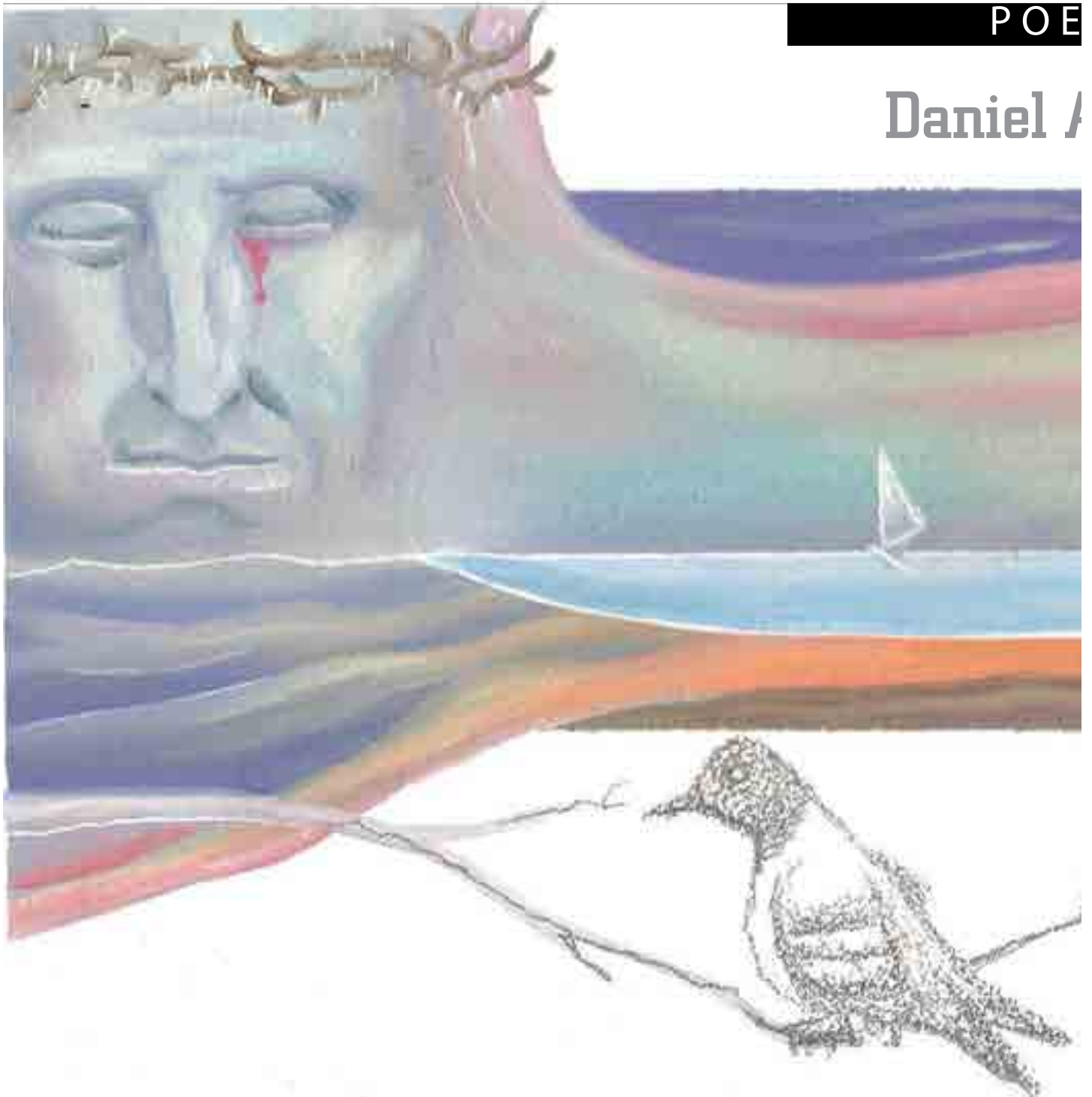


passando por casas do tipo: “Foi convidado para uma coletânea – avance uma casa”; “foi convidado para escrever uma orelha – avance duas casas”; “foi convidado para escrever um prefácio – avance três casas”...

Era um livro sobre micronarrativas e tentei honrar os meus mestres, fazendo um breve estudo sobre o gênero. Pensei em falar algo sobre prefácios, mas meu grande dilema era que o texto estava começando a ficar mais longo que alguns dos microcontos. Comecei a me sentir como a convidada de um casamento querendo ir para a igreja com uma roupa branca, um véu e um arranjo de flores, e uma cauda no vestido muito mais longa que a da noiva. Ou o mestre de cerimônias que demora a passar o microfone, e acaba fazendo um discurso antes da cerimônia em si.

Deixei o meu recado: a virtude de toda literatura é dizer em algumas linhas o que a teoria levaria páginas para explicar. Umberto Eco dizia, aliás, que toda tese deveria ser escrita como um romance policial. Um prefácio jamais chegaria a tanto. Mas na certa prefácios seriam mais lidos, se fossem escritos também como literatura. ✦

Tiago Germano é escritor, autor do romance “A Mulher Faminta” (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas “Demônios Domésticos” (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa.



Pintassilgo

Sobrevoavas tu minha coroa
de espinhos, e eu ouvia teu lamento
a arrancar-me a dor que de meu corpo
retinha, de me sangue, tuas penas.
Vejo-te agora, meu pequeno amigo,
entre as mãos de João numa oferenda
sem sacrifícios, medo ou fraticídio.
Apenas por amar sem penitência.
Podes cantar, meu doce Pintassilgo,
estás em bom abrigo, no aconchego
dos prados, dos riachos e dos vales.
Estás em redor do Azul e Vermelho
da túnica de minha Mãe, que, sagrada,
sagra-nos à Santíssima Trindade.

Moeda

Não há dissabor que não se acabe.
A ânsia, a insônia, a insanidade,
nada resiste ao instante fatídico
das vicissitudes do suicídio.
O tiro, o estampido, o furo, o vício,
o instantâneo arroubo do sentido,
que se instala no coração, abre
um istmo de nada e se acaba.
Não há sabor mais doce de vida
que não seja do abraço, do beijo,
da memória salgada da saliva
a lembrar um mar sob um veleiro.
Entrelaçadas, a vida e a morte
rodopiam entre o azar e a sorte.

Azevedo

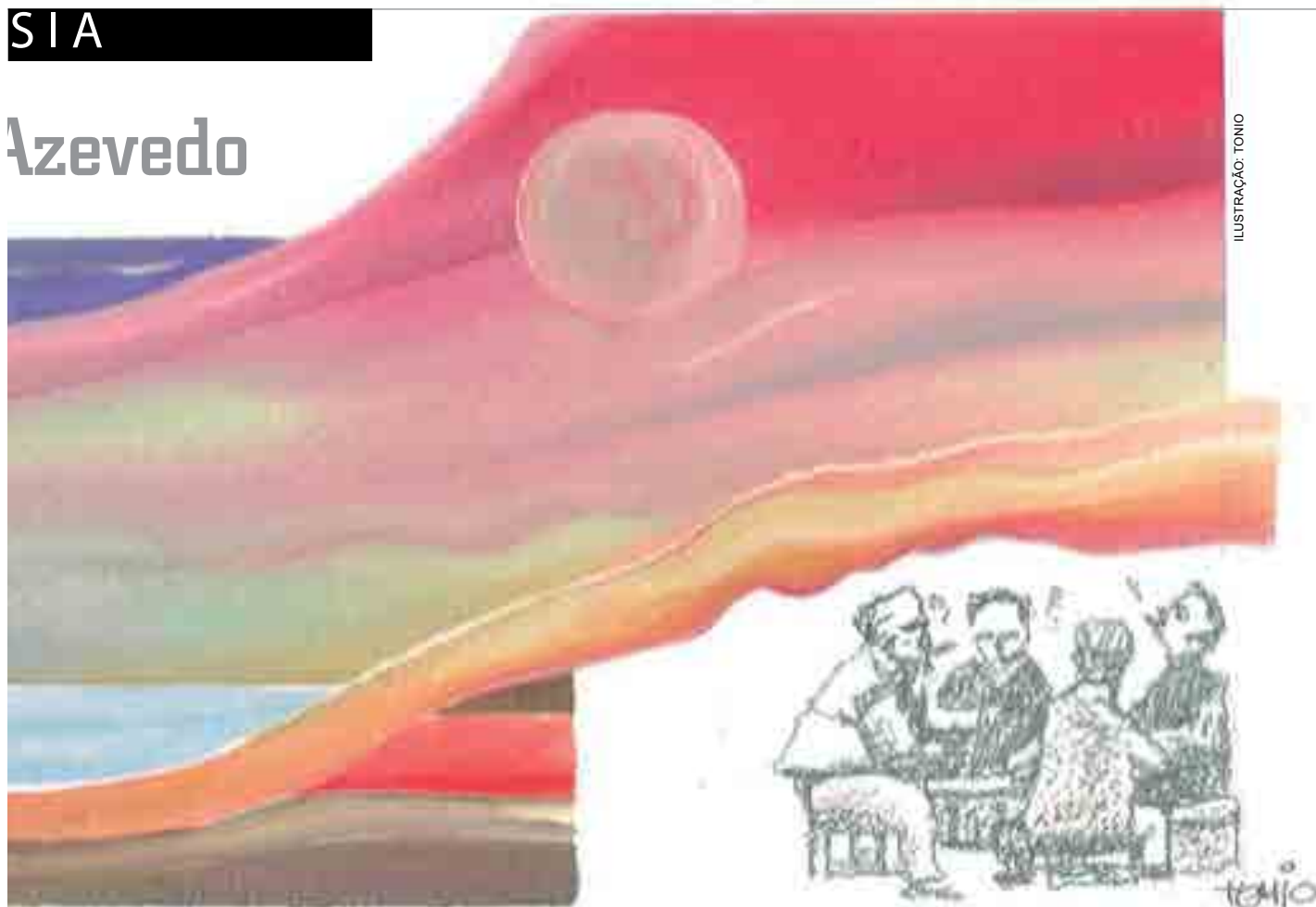


ILUSTRAÇÃO: TONIO

Treliças

Acorda e vem comigo, segue meus passos. Embora já noite, vem, segue. Vem que a Lua se espicha contra o breu e desfibrila o espesso pez do céu, que a terra em que pisas é firme e seca, nela se refugia o olor de bétulas, a fragrância arenosa da ribeira, um buquê que se espalha pelas pétalas. Estende tuas mãos, dá-me as mãos logo. O caminho clareia como um lógico argumento talhado em *chiaroscuro* numa aurora de estrelas. E, contudo, como treliças, nossas mãos se trançam e entre si o ilumimenso da manhã.

Diletantes

A sala, meio clara, meio escura, acomoda seus quatro visitantes. No espaço turvo, o clima se defuma. Com charutos em mãos, os elegantes senhores tratam temas diletantes. Além do azul da fumaça, uma música se espaçava em silêncios webernianos, até que a sala, se antes era dúbia, entre sombras e luz, agora vibra timbres variados, cores profusas, numa melodia do menos quase surda – seus visitantes, aos vapores azulados do fumo, se entreolham na vaga panoroma dos sabores.



Daniel Sampaio de Azevedo, natural de João Pessoa (PB), é autor da plaquete *Terror Sagrado sob o Sol de Meio-dia* (Mondrogo), lançado em 2019, participou da antologia *Todo Começo é Involuntário: a poesia brasileira no início do século 21* (Lumme editor), organizada por Claudio Daniel, e já teve poemas publicados pelo *Correio das Artes*

Entre a confissão e a ficção



Escrito por Fernanda Torres e publicado pela Companhia das Letras em 2017, o romance *A glória e seu cortejo de horrores* conta a história do ator Mario Cardoso, em sua trajetória profissional que alterna momentos de glória, reconhecidos pela presença nas mídias, pelos convites de trabalho etc., e muitos momentos de “horrores”, representados por seus dessabores, frustrações e perdas. Para esse personagem, os altos e baixos transcorridos em sua vida são perfeitamente ilustrados pela imagem expressa na frase “Fundo de poço tem mola” (p. 189).

Segundo a escritora, em entrevistas concedidas para diversos canais midiáticos, por ocasião do lançamento do livro, esse título é creditado à sua mãe Fernanda Montenegro, de quem ouviu durante a vida a fatídica frase “a glória e seu cortejo de horrores”. Assim como a mãe, Fernanda Torres é atriz e, assim como a mãe, é, também, reconhecida pelos seus trabalhos em teatro, cinema e televisão, e por meio de diversas premiações.

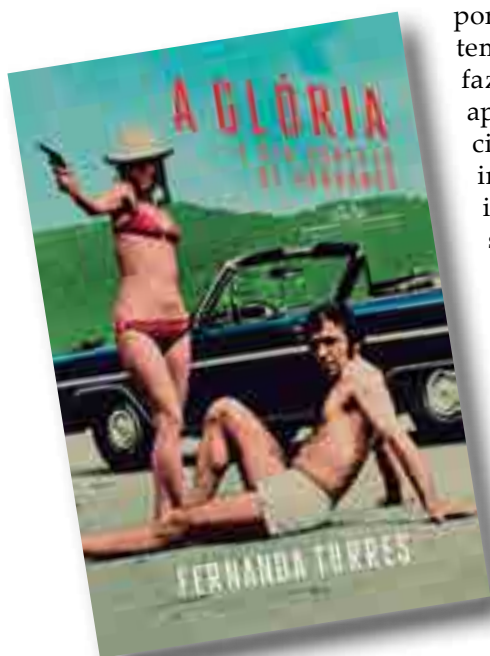
O fato de ser protagonizado por um ator que é, ao mesmo tempo, narrador da história faz com que esse livro se apresente como um acontecimento literário bastante interessante para quem se interessa por discussões sobre “escrita de si”, sobre “autoficção”, tão efervescentes nos debates sobre produções literárias contemporâneas, das últimas décadas do século

20 e das décadas iniciais do século 21.

No caso desse livro de Fernanda Torres, a motivação para refletir sobre “escrita de si” e/ou “autoficção” decorreu de uma fala da própria autora quando, em entrevista ao canal do YouTube da Revista Época, em novembro de 2017, justificava a sua opção por um narrador-protagonista masculino pelo fato de, em sendo uma personagem e narradora feminina, poder enunciar a sua própria história de vida, em seu caráter pessoal, já que se trata de uma história ambientada no universo da dramaturgia, do teatro, do cinema e da televisão.

Vejam os referidos depoimentos da escritora: “o negócio do narrador masculino é que logo você se afasta de você, quanto mais sendo um ator. Se fosse uma atriz, era muito colado ou em mim ou na minha mãe. Então... é horrível quando é confissão”.

A questão que se levanta, sobretudo no trecho em que ela declara ser “horrível quando é confissão” é: a que aspectos da confissão a escritora-atriz se refere? O romance pode levar o leitor ao entendimento de que há algum tipo de confissão, sim. Portanto, Torres não se livra totalmente disso que ela qualifica como “horrível” e que, por isso, opta por uma voz narrativa masculina que também faz a vez de personagem. O que Torres qualifica como “horrível” poderíamos ▶



Capa de *A glória e seu cortejo de horrores*, romance de Fernanda Torres: escrita de si e autoficção

► chamar de “demônio de escritor”¹, e observar como positivo o que a própria escritora evidencia como negativo.

Façamos um pequeno adendo e recorramos ao que dizem José Saramago, Antonio Candido e Diana Klinger sobre esse caráter confessional na/da literatura.

José Saramago² contribui, e muito, para esse debate, quando lança mão de uma ideia pela qual defende serem autor e narrador as mesmas figuras, argumentando que “um livro não está formado somente por personagens, conflitos, situações, lances, peripécias, surpresas, efeitos de estilo, exibições ginásticas de técnicas de narração; um livro é, acima de tudo, a expressão de uma parcela identificada da humanidade: o seu autor. Pergunto-me até, se o que determina o leitor a ler não será uma secreta esperança de descobrir no interior do livro mais do que a história que lhe será narrada a pessoa invisível mas onnipresente do seu autor”. (p. 27). O escritor português considera, portanto, entre outros aspectos, as motivações do leitor ao realizar determinadas leituras. Daí a possibilidade, por exemplo, de o leitor se sentir motivado a ler o romance de Fernanda Torres, também, pelo que suscita sua própria história de vida, bem como pelos seus depoimentos nas mídias acerca do seu fazer literário.

Discussões bastante ampliadas, fervorosas e, até, pouco consensuais sobre o conceito de “autoficção” ocupam lugar de destaque na produção teórica, crítica e histórica da literatura contemporânea, e auxiliam no debate sobre essa questão que tem a ver com a forma como se

apresenta o sujeito autor na sociedade contemporânea.

No Brasil, Diana Klinger³, por exemplo, auxilia no debate partindo “da hipótese de que a autoficção se inscreve no coração do paradoxo deste final de século XX: entre um desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma ‘verdade’ na escrita. Assim, a autoficção se aproxima do conceito de performance, que [...] também implica uma desnaturalização do sujeito” (p. 18). Essa ideia de literatura como performance se explica quando a autora afirma que a “autoficção participa da criação do mito do escritor, uma figura que se situa no interstício entre a ‘mentira’ e a ‘confissão’. A noção do relato como criação da subjetividade, a partir de uma manifesta ambivalência a respeito de uma verdade prévia ao texto, permite pensar a autoficção como uma performance do autor”. (p.24)

Mesmo optando por uma voz masculina, A glória... permite

esse tipo de interpretação de autoficção como uma performance do autor, uma vez que se trata de uma história ficcional que apresenta possíveis elementos da vida da escritora Fernanda Torres. Por exemplo: o acesso de riso descontrolado a que o personagem Mario Cardoso é submetido ao encenar o *Rei Lear*, de Shakespeare, foi experienciado pela escritora-atriz ao encenar o mesmo texto. Em linhas gerais, essa “experiência extracorpórea” do Mario Cardoso, conforme se refere ele próprio, parece ter sido o *leitmotiv* para o processo de criação literária de Fernanda Torres.

Onde termina, então, a confissão e começa a ficção? ►



*Fernanda:
“O negócio
do narrador
masculino
é que logo
você se
afasta de
você. Se
fosse uma
atriz, era
muito colado
ou
em mim ou
na minha
mãe*

FOTO: BOB WOLFENSON/DIVULGAÇÃO

¹ A expressão é creditada a Mario Vargas Llosa que, em sua tese de doutoramento sobre Gabriel García Márquez, observa, na obra do escritor colombiano, certas motivações a que chama de “demônios de escritor” em prol de um projeto literário. LLOSA, Mario Vargas. García Márquez: história de un deicidio. 1971. Livro em PDF.

² SARAMAGO, José. “O autor como narrador”. Revista Cult. Dezembro de 1998.

³ KLINGER, Diana. “Escrita de si como performance”. Revista Brasileira de Literatura Comparada. n.12, 2008.

Antonio Candido⁴ escreveu um livro de ensaios sobre a obra de Graciliano Ramos no qual discute sobre uma “visão do homem”, na obra do escritor alagoano, no sentido de traçar um raciocínio sobre a transição da “ficção para a autobiografia como desdobramento necessário da sua obra”, e defendendo que ambas não apresentam “o mesmo nível literário”. Candido considera que em *Infância* o literário se mantém e que em *Memórias do Cárcere*, romance puramente biográfico, não. Sendo que *Infância* é um livro autobiográfico, também, mas com tratamento literário, pois “cada vez mais preocupado pelas situações humanas, substituiu-se ele próprio aos personagens e resolveu, decididamente, elaborar-se como tal em *Infância*, aproveitando os aspectos facilmente romanceáveis que há nos arcanos da memória infantil”. (p. 92)

Essas reflexões de Candido podem nos auxiliar no entendimento da obra de Fernanda Torres, uma vez que apresentam uma ideia de romance que passa pelo confessional, sem, necessariamente, ser confissão, quando reconhece os “aspectos facilmente romanceáveis que há nos arcanos da memória”. A cena do *Rei Lear* romanceada no livro de Torres pode ser interpretada, assim, como um desses “arcanos da memória” ao qual a escritora deu corpo literário. Vendo dessa forma, parece não haver muito mistério nisso. Afinal, conforme o próprio Antonio Candido afirma: “o escritor vê o mundo através dos seus problemas pessoais; sente necessidade de lhe dar contorno e projeta nos personagens a sua substância, deformada pela arte” (p. 89).

É impossível dar conta dessa discussão aqui. Mas os três argumentos apresentados, apesar de diferentes e, em certa medida, sobre fenômenos literários diferentes, comunicam-se no que se refere aos traços do confessional no texto ficcional e, trazê-los a essa discussão, é uma forma de embasar um

argumento que vai de encontro ao que Fernanda Torres observa como negativo na literatura, sobrelevando que não se trata, exatamente, de fazer do exercício crítico-analítico uma mera especulação, no texto ficcional, sobre o que há de verdade e de mentira. Isso tornaria a crítica um tanto medíocre.

A opção por uma crítica analítica da voz narrativa, a partir de uma provocação da própria autora em depoimento concedido em uma entrevista, dá-se pelo fato de o foco narrativo masculino não excluir totalmente o caráter confessional do romance como queira a autora, mas, também, pelo fato de não ser essa questão confessional (a ausência dela) que confere qualidade ao romance. Como procedimento formal, o romance de Fernanda Torres vai muito além disso porque permite reconhecer, nesse tipo de narrador, a configuração de uma cumplicidade entre autora e narrador, o que representa um engenho excepcional nessa obra, cujos detalhes narrativos (ações dos personagens, espaços e tempos narrativos) estão devidamente imbricados para contar a história de horrores e de glórias de Mario Cardoso. Compreende-se, assim, que, ser ou não ser a história da própria autora, ou seja, confissão, é o que menos importa.

O que podemos depreender como aspecto positivo na opção por uma voz masculina, para além de um procedimento estético que demanda uma mudança de perspectiva bastante inventiva, é essa imersão num universo masculino e, no caso específico de *A glória...*, de homem branco heteronormativo da Zona Sul do Rio de Janeiro. Para isso, Fernanda Torres lança mão de uma ironia cortante, o que torna seu personagem um tanto atabalhoado, não só nas ações, mas nas suas reflexões mais existenciais. Isso, sem dúvida, confere ao romance um caráter bastante inventivo ao misturar humor, ironia e dor, pois é pelos sentimentos e reflexões do próprio narrador, portanto, pelo seu ponto de vista narrativo, que perpassam as ações, sentimentos e reflexões dos demais personagens. Provavelmente, a

configuração de um narrador-protagonista masculino um tanto atabalhoado, conforme descrição acima, deve-se a uma lente feminista da autora e, por isso, o tom irônico que perpassa o romance.

Na segunda parte do livro, que constitui as pouco mais de quinze páginas finais, muda-se radicalmente a perspectiva narrativa que passa a ser comandada por um narrador em terceira pessoa. Essa mudança de perspectiva se deve a um elemento de causalidade interessantíssimo e que não pode ser revelado aqui, pois influenciaria na expectativa daqueles que ainda não o leram.

Como forma literária, o romance goza de liberdades plenas. Sua regra é não ter regras. Sua exigência é, portanto, ser livre. Nesse desvelo, o escritor e a escritora podem compreender que, sendo confissão ou ficção, isso é o que menos deve lhe importar no momento de sua escrita criativa e que a qualidade do que constrói não deve estar restrita ao conteúdo que expressa, nem tampouco à forma, mas deve abranger os dois aspectos numa relação dialética.

O diálogo que se propôs estabelecer aqui com Fernanda Torres parte, portanto, de um argumento que envolve três ideias que se subsequenciam: 1. é possível não ser horrível quando é confissão; 2. porque em narrativa ficcional não deve importar, apenas, a história que se conta, ou seja, o seu conteúdo e seus condicionamentos sociais; 3. e que, em obra de ficção, são os elementos formais, os recursos narrativos e de linguagem que atribuem a ela, também, o seu caráter estético. Com base nessa “equação”, entende-se *A glória...* como um romance que se destaca, pela sua qualidade estética, na história da literatura brasileira contemporânea. ✦

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

⁴ CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

Jefferson Araújo de Lima



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Girafa

Modelo de inspiração
De que devemos sonhar alto
Mas manter os pés no chão.

Lua cheia

Beleza em forma de esfera
O abajur de Deus
A luminária da Terra.

Chuva

A tinta incolor
Que Deus usa
Para colorir
O meu jardim.

Bolas de gude

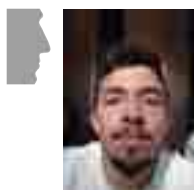
Planetas de vidro
Que se colidem
Nas trajetórias criadas
Por seus deuses-meninos.



O poeta

O poeta é um artesão das palavras
Sílabas a sílabas cria nas mãos
Um universo de metáforas

O poeta tricota com proeza
O velho e patético mundo
Que nos rodeia.



Jefferson Araújo de Lima é natural da cidade de Sapé-PB, tem 24 anos, é poeta em iniciação e em devir, e é aluno do curso de Letras/Português da UFPB, Campus I.

Varrendo

A VIDA

Jesuino André

Especial para o *Correio das Artes*

Hoje a manhã foi bastante movimentada.

Lá pelas 9hs a campanha tocou. Imaginei quem seria. Corri antes para cozinha, separei a garrafa de água congelada e um pacote de biscoito. Depois fui na janela da frente e vi que era ele.

- Diga aí?! - falei grosso. Sempre faço isso para manter a postura, mas não nego a ajuda.

- Ei pai, me arrume uma água!

Era o mesmo rapaz dos dias anteriores no mesmo horário e com os mesmos pedidos. Esse vírus do momento é café pequeno diante da doença da indiferença e da persistente ignorância.

- Um momento, vou ver o que posso fazer. - já ouvi algumas me aconselhando a não fazer nada, mas na minha idade tento ser livre, pelos menos na mente.

Fui pegar o que tinha separado. Voltei e lhe entreguei o que foi pedido. Não abri o portão, ainda sou do grupo de risco. Só não sei de qual lado.

- Obrigado pai! - a saudação é a mesma, mas não sou paterno nem para mim. O sujeito com um boné, magro, de dedos sujos pelo vício e um olhar sem brilho, só faz pedir.

- Tudo bem. - respondo lacônico, não há perguntas.

- Que Deus lhe abençoe! - disse e foi embora.

Nem deu meia hora e mais uma tocada na campanha. Os parentes e amigos não aportam mais. Na certa, outro pedinte. Demoro a ir atender e a insistência do chamado.

- O que é? - lá vou eu com o mesmo tom.

FOTO: JESUÍNO ANDRE



- Sou eu Reginaldo! - era um velho conhecido na mendicância.

Aparece vez ou outra e sempre com novidade.

- Diga aí o que você quer?

- Comprei uma carroça de burro e tô precisando de 35 reais para ajeitar o pneu. - ele sempre é direto no assunto.

É pobre de Jó. Desconfiei do pneu, da carroça e do burro.

- E pra que comprou a carroça? - ensaiei inocência.

- Pra trabalhar!

- Tudo bem. E cadê o burro?

- Ainda vou comprar. É caro, sai pra uns 500 reais.

- E onde você vai deixar essa carroça e o burro?

- Na frente de casa, amarrado numa corrente.

Dei-lhe 12 reais para consertar o pneu e prometi ajudar

no burro. Talvez na próxima tenhamos novidades.

Às 11h e meia mais um toque na campanha: era o vendedor de vassouras. Um homem alto de pele escura, usava um face shield, vestia uma camisa de futebol de time desconhecido e carregava um molhe de vassouras.

- Quanto é a vassoura? Tô precisando de uma.

- 25 reais.

Enquanto escolhia perguntei:

- Você vem de onde?

- Santa Rita.

- E essa vassoura é feita pelo Val? - vi na manga da camisa a propaganda Val Vassouras.

- É não. Ele não vende mais não. Essa camisa era do time de futebol de salão que eu jogava e a loja dele patrocinava.

- E o time acabou?

- Não. Agora é futebol de campo.

- E o Val deixou de vender vassoura?

- Deixou!

- E o que foi? Quebrou na emenda?

- Não. Foi a cachaça!

- E foi?

- Só quer saber de tomar cachaça. A cachaça só faz mal quando é muita - ponderou com firmeza.

- Pois é, quando é pouca faz até bem. - concordei na simpatia.

Paguei o valor e ainda perguntei:

- Ainda vai rodar muito?

- Só mais uma hora, depois vou pra casa. Com esse vírus ninguém sai e depois do almoço tá todo mundo descansando ou dormindo.

Ainda bem que tava terminando a manhã. Assim teria meu merecido descanso. ✖

Jesuino André de Oliveira nasceu no interior da Bahia e mora em João Pessoa (PB) desde os anos 1980. É redator-publicitário, produtor cultural e editor do podcast *MeuSons*. Publica suas crônicas nas redes sociais: Instagram: @jesuinooliveira; Twitter: @jesuinoandre.

Alcalá e Taperoá:

ARIANO E O FINAL PERFEITO DE
'DOM QUIXOTE DE LA MANCHA'

Thélio Queiroz Farias
Especial para o *Correio das Artes*

O Engenhoso Fidalgo *Dom Quixote de La Mancha*, cujo primeiro volume foi publicado em 1605, do escritor espanhol Miguel de Cervantes, é um dos maiores clássicos do planeta, um dos livros mais importantes de toda a história, traduzido em mais de 70 línguas e com mais de três mil edições. Em 2002, o Instituto Nobel promoveu uma eleição, tendo *Quixote* vencido o título de “maior obra da literatura de todos os tempos”, com mais de 50% dos votos. Cervantes, nascido na cidade de Alcalá de Henares, é considerado o pai do romance moderno e a obra continua a ser publicada, lida, debatida e elogiada, mesmo após mais de 400 anos de sua publicação. O filósofo Miguel de Unamuno considera *Quixote* como a “Bíblia espanhola” e que “nosso senhor Dom Quixote é um autêntico Cristo”. O crítico literário Harold Bloom escreveu sobre o livro, asseverando:

“...o sonho que converte Alonso Quijano em Dom Quixote de La Mancha não consiste em re-atualizar o passado, mas em algo ainda muito mais ambicioso: realizar o mito, transformar a ficção em história viva” (Mário Vargar Llosa, escritor peruano, premio Nobel de Literatura/2010¹).



“*Dom Quixote* é uma obra tão original que quase quatro séculos depois continua a ser a obra de ficção em prosa mais avançada que existe. E mesmo assim é subestimada: é ao mesmo tempo o romance mais legível e, definitivamente, o mais difícil.”²

¹ Citado no texto de Vargas Llosa, publicado como apresentação da Edição do IV Centenário, intitulado “Uma Novela para el Siglo XXI” (*Don Quijote de La Mancha*, edición del IV centenario, ed. Alfaguara, Madrid, 2005).

² In *O Cânone Ocidental*, Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2010.

▶ Eu particularmente adoro (amo!) *Dom Quixote* e toda obra de Cervantes, que considero inigualável, tanto que passei a colecionar edições do livro, possuindo mais de 100 exemplares distintos, muitos dos quais em idiomas como japonês, hebraico, árabe, chinês, coreano, vietnamita, croata, tailandês, dentre outros. A forma que o livro foi escrito, as histórias intercaladas, a intertextualidade e, especialmente, a mensagem humanística de fé nos sonhos exercem, sobre mim, uma atração irresistível. Corroboro com o pensamento de outro gigante da literatura, o russo Fiódor Dostoiévski:

“

*Não existe nada mais profundo e poderoso do que este livro. Representa até hoje a mais grandiosa e acabada expressão da mente humana. Se o mundo acabasse e no Além nos perguntassem: 'Então, o que você aprendeu da vida?', poderíamos simplesmente mostrar o D. Quixote e dizer: 'Esta é a minha conclusão sobre a vida. E você? O que me diz?'*³

Machado de Assis, numa crônica de 1876, publicada em *História de Quinze Dias*⁴, escreveu sobre o personagem principal de Cervantes:

“

...amos ri de ti, outra vez, generoso cavaleiro; vamos ri de tua sublime dedicação, Tu tens o pior que pode ter um homem em todos, sobretudo nesse século – tu és quimérico, tu não vives da nossa vida, não és metódico, regular, pacato, previdente; tu és Quixote. “

Entretanto, alguns leitores, eu inclusive, consideram o final do livro muito desalentador, com a derrota dos sonhos, nocauteados pela lucidez súbita de Alonso Quijano. Não sei se a conclusão da obra se deu para tentar driblar a censura da Inquisição espanhola, que era profundamente rigorosa e certamente autorizou a publicação em virtude das aventuras serem de um homem louco, que no final reconhece seus erros e sua insanidade. Cervantes conhecia bem a burocracia ibérica, tinha astúcia para tal. Essa possibilidade não retira a marca decepcionante nas últimas linhas de *El ingenioso Hidalgo don Quijote de La Mancha*.

Essa decepção com o final do Cavaleiro da Triste Figura é compartilhada por grandes escritores, como o peruano Mario Vargas Llosa, agraciado com o Nobel de Literatura em 2010, como bem analisa Eduardo César Maia Ferreira Filho:

“

“A ilusão de Dom Quixote, (...) – sua fome de irrealidade – é contagiosa e propagou ao seu redor o apetite de ficção” (VARGAS LLOSA, Quixote; XVIII). Não obstante, o fim dessa ‘loucura’, ou seja, passar a ver a realidade tal qual ela se apresenta para o senso comum, significou, para o protagonista, a morte. Vargas Llosa chega a sugerir que há algo de inverossímil no final do livro, no momento em que Alonso Quijano abandona a fantasia quixotesca, renunciando à loucura e voltando à realidade “quando esta, ao seu redor, já está mudada, em boa parte, em ficção” (VARGAS LLOSA, Quixote: XVI).⁵

Quixote volta para casa quando vencido em batalha por outro Cavaleiro da Branca Lua e é forçado a abandonar sua luta, lamentando que “aqui se escureceram as minhas façanhas; aqui, enfim, caiu a minha ventura, para nunca mais se levantar”. Longe da cavalaria e de seus sonhos, Dom Quixote fica doente, também deprimido, e acaba falecendo. Nos instantes finais de sua existência, recupera a consciência, deixa de lado a loucura-sonhadora e pede perdão por seus atos aos amigos e familiares. Sancho, exemplo de lealdade, fica ao seu lado, até o último suspiro.

A escritora catalã Ana Maria Matute (1925-2014), terceira mulher a receber o Prêmio Cervantes e considerada como uma das maiores romancistas do pós-guerra, confessor que “o Quixote foi o primeiro livro com que chorei, com a morte de Dom Quixote, por tudo o que significa: deixar a loucura desaparecer. Isso é terrível. O triunfo da sensatez”⁶ em detrimento da utopia de todo o restante do livro.

Eu sempre sonhei com o Quixote com um final épico, grandioso. Encerrar a leitura do livro *Dom Quixote*, mantendo acesa a chama da esperança no sonho e na utopia. Agora, ao ler *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*⁷, tal qual a obra de Cervantes, dividida em dois livros: *O Jumento Sedutor* e *O Palhaço Tetrafônico*, deparei-me com o escritor paraibano Ariano Vilar Suassuna (1927-2014) discordando do final do livro imortal e idealizando um novo deslinde para a história do Cavaleiro da Triste Figura.

Ariano Suassuna ficou conhecido como o “Dom Quixote arcaico”, e tinha muito orgulho de assim ser chamado. Admirava profundamente Miguel de Cervantes e considerava as histórias do fidalgo da Mancha o maior livro de todos os tempos, o romance dos romances. ▶

³ Citado na edição de *Dom Quixote* da editora 34 (bilíngue), com tradução de Sérgio Molina e apresentação de Marua Augusto da Costa Vieira (São Paulo, 2016).

⁴ Em julho de 1876, Machado iniciava uma série de crônicas quinzenais na Revista *Ilustração Brasileira*, para qual deu o título de “História de Quinze Dias”. Escreveu ininterruptamente até abril de 1878, quando mudou de nome para “História de Trinta Dias”. A edição que tive acesso foi publicada pela Editora da UNICAMP, tendo como organizador Leonardo Affonso de Miranda Pereira (Campinas-SP, 2009).

⁵ No ensaio “Mario Vargas Llosa lê Dom Quixote”, publicado em “Perspectivas y Análisis sobre Cervantes y el Quijote”, organização de José Alberto Miranda Poza, ed. Coleção & Letras, edição eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

► O paraibano confessou numa crônica publicada em 6 de julho de 1999, na Folha de São Paulo, que “tenho pelo grande autor espanhol do século 17 uma admiração quase obsessiva”. “Mas também, com todo respeito”, ressaltava sua “discordância que sempre mantive em relação ao fim destinado por Cervantes ao Cavaleiro da Triste Figura”, conforme escre-

veu em Dom Pantero, seu livro-testamento.

Assim, Ariano Suassuna ouviu refazer o deslinde do livro *Dom Quixote*. Fê-lo como queria que fosse, na forma que sonhava ler, desde que conheceu a obra pela primeira vez nos seus dezessete anos. Escreveu da seguinte forma o final das aventuras do cavaleiro-fidalgo das terras áridas de *La Mancha*:

“

Como as coisas humanas não são eternas e vão sempre em declinação desde o princípio até seu último fim, especialmente a vida humana; e como a de Dom Quixote não tivesse privilégio do Céu para deixar de seguir o seu termo e acabamento, veio-lhe uma febre que o teve seis dias de cama, sendo visitado muitas vezes pelo Cura, pelo Bacharel e pelo Barbeiro, seus amigos, sem se lhe tirar da cabeceira o seu bom Escudeiro, Sancho Pança.

Ao anoitecer do sexto para o sétimo dia de sua doença, seus amigos chamaram o Médico; tomou-lhe este o pulso e disse-lhe que, pelo sim, pelo não, cuidasse da salvação da sua alma porque a do corpo corria perigo.

Ouviu-o Dom Quixote, que logo se confessou com o Cura, a que fez de ânimo sossegado; mas não se portaram da mesma forma a Sobrinha e Sancho, que principiaram a chorar ternamente, como se já o tivessem morto diante de si.

Dom Quixote pediu que o deixassem só, porque queria dormir um pouco naquele começo de noite. Obedeceram-lhe e saíram, fechando a porta. Mas ele, assim que se viu só, levantou-se com dificuldade, tomou a Armadura e a Lança, pulou a janela, vestiu a primeira, empunhou a segunda e, arrastando-se, conseguiu chegar à Estrebaria, onde Rocinante cochilava.

Arreou o Cavalo, montou-o e, andando a passo, chegou à Estrada, onde estacou, de Lança em riste, esperando que lhe aparecesse algum Gigante a enfrentar, alguma injustiça contra o qual lutasse, para levar até o fim a generosa e bela Empresa à qual dedicou toda sua vida.

Ali, ao amanhecer, Sancho, com seus preocupados parentes e amigos, foi encontra-lo morto, montado, de Lança em punho, com os primeiros raios do Sol a lhe iluminarem o rosto magro por uma ‘estranha luz de devaneio’ – como chegou a dizer o Cura, afastando-se, por um instante, de seu tacanho bom senso habitual, o que somente fora possível graças à indômita coragem do Cavaleiro, fiel a seu insano mas generoso Sonho até diante da Morte.”



Jornal chama Ariano de “Quixote brasileiro”

Em 23 de julho de 2014, a onça Caetana⁸ abraçou Ariano. Ele deixou o mundo de ossos e carnes, subiu ao Reino do Encantamento. A Compadecida fez questão de recebê-lo, encaminhando-o ao Baronato Divino dos Escritores e Poetas. Lá, foi abraçado por um maneta espanhol que andava com dificuldades. Sim, era Miguel de Cervantes Saavedra. Os dois falaram com sorrisos. Ariano disse: “- Gostou do novo final que dei ao seu Quixote!”. Miguel respondeu: “Sí... es la versión de un lugar em Cariris Velhos, cuyo nombre no quiero recordar.” Gargalharam! O riso a cavalo e o galope do sonho continuam firme e forte nos territórios áridos e pedregulhos da Mancha espanhola e do sertão paraibano. Talvez por isso, Alcalá rime com Taperoá.✱

Thélio Queiroz Farias é advogado militante. Possui 15 livros publicados. Foi membro-consultor da Comissão de Estudos Constitucionais do Conselho Federal da OAB e Presidente da Comissão de Filosofia e de Literatura e Direito da OAB/Paraíba. Integra a Confraria dos Bibliófilos do Brasil (CBB), União Brasileira dos Escritores (UBE), da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG), Instituto Histórico do Cariri Paraibano, Instituto Histórico de Geográfico de Areia (IHGA), dentre outras instituições.

⁶ El País: https://elpais.com/elpais/2014/06/25/icon/1403703145_880287.html. No original: “El Quijote es el primer libro com el que he llorado, com la muerte del Quijote, por todo lo que significa: El dejar que la locura desaparezca. Eso es terrible. El triunfo de la sensatez”.

⁷ *Romance de Dom Pantero no Palco dos Pecadores*, ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2017.

⁸ Na tradição do cancionero popular do Nordeste brasileiro, a morte é chamada de “Caetana”, uma mulher, ou da “onça Caetana”, figuras que são constantes na obra de Ariano Suassuna.



Mulher no acostamento

São duas da tarde. Uma mulher solitária caminha no acostamento. Carrega uma mochila esfrangalhada e segue com os pés toscos, numas chinelas empoadas. Uma mulher que, olhando para a frente, não vê a montanha que margeia a estrada. Uma mulher que, vista contra a montanha, é apenas uma miniatura. Uma rocha de pernas curtas. Pisa brusco nas pedras, edita poeiras. Tem na cabeça um lenço amarelo - labareda de língua grossa. Tem uns joelhos de quebrar o sol. O casal que mora no casebre, curioso, a observa. O casal nunca a viu por ali. Ela veio da curva mais distante, onde, à subida, os caminhões fervem fumaça escura. De onde evaporou a mulher que caminha como quem interroga o fundo da estrada? O casal agora espia os gravetos do acostamento. Há estalos que faíscam? O casal não sabe, desconhece de que vento a mulher marchou. Mulher que em breve irá sumir na curva de altas árvores à frente, contornar a sombra da montanha. Mulher cujo rastro será cama para ínfimos insetos. A mulher irá sumir – e as rochas desse fim de mundo continuarão rochas, respirando para melhor endurecer. E a luz de sangue do casebre, único ali ao pé da montanha, continuará nas madrugadas sendo lambida pelos morcegos. ✦



Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade
Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

LEVE PARA CASA A UNIÃO, A MELHOR INFORMAÇÃO

ASSINE O JORNAL A UNIÃO



3218.6518 / (83) 99117 7042



CIRCULACAO@EPC.PB.GOV.BR



CARTÃO SESC.

**BENEFÍCIOS E QUALIDADE DE VIDA
NA SUA MÃO.**



Hospedagem a preços acessíveis nos hotéis Sesc por todo o Brasil;

Atendimento odontológico a preço acessível;

Atendimento com nutricionista, fisioterapeuta e fonoaudióloga a preço acessível;

Passaporte para o paraíso ecológico Sesc Gravatá;

Pacotes de viagem e excursões;

Almoço com valores especiais nos restaurantes credenciados;

Atividades físicas a preços populares;

Cursos e oficinas;

Descontos nos cursos do Senac.

PROCURE UMA UNIDADE DO SESC MAIS PRÓXIMA E FAÇA SEU CARTÃO.

www.sescpb.com.br

Fecomércio PB 